



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
EVANDRO FERREIRA

**ENTRE SOCIEDADE, MODA E FIGURINO:
CONFIGURAÇÕES DISCURSIVAS DO UNIVERSO DRAG**

Florianópolis
2019

EVANDRO FERREIRA

**ENTRE SOCIEDADE, MODA E FIGURINO:
CONFIGURAÇÕES DISCURSIVAS DO UNIVERSO DRAG**

Trabalho de Conclusão apresentado ao
Curso de Tecnologia em Design de Moda,
da Universidade do Sul de Santa Catarina,
como requisito para obtenção do grau de
Tecnólogo em Design de Moda.

Orientadora: Prof.^a MSc. Liliane E. F. Carvalho

Florianópolis

2019

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me proporcionar a realização de um sonho.

Aos meus pais Anivaldo e Ivaneti, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando em todos os momentos de dificuldades e também de conquistas.

A minha professora e orientadora Liliane Carvalho, pelo suporte, dedicação e incentivo durante toda a elaboração deste trabalho.

Ao meu esposo Claiton, que ficou sempre ao meu lado nos momentos de estresse, me dando força e dizendo: “vai ficar tudo bem amor”.

Quero agradecer também a todos meus amigos que direta ou indiretamente contribuíram para meu crescimento durante os anos que passei na universidade, em especial Blanca Franciny e Luisa Lessa, que foram verdadeiros anjos na minha vida.

E por último, porém, não menos importantes Maicon Willian e Venícios Cassiano, que foram os principais responsáveis para que eu voltasse a lutar pelo meu sonho de me formar no curso de moda.

“Todos nascemos nus. O resto é drag.
RuPaul Charles

RESUMO:

Moda e figurino compõe visualmente o universo Drag Queen. Dos teatros antigos ao mainstream do século XXI, as Drags ganharam espaço não só artístico, mas social e político, assinalando pela diferença no vestir a quebra de padrões sociais estabelecidos para o masculino e o feminino pela sociedade burguesa. Assim, este trabalho busca analisar, a partir da relação entre moda, sociedade e figurino, a transição das Drag Queens do estereótipo caricato dos anos 1970 para o feminino pop e fashion dos dias atuais. Através de filmes como Wong Foo, obrigada por tudo e Priscila, rainha do deserto, buscou-se perceber a desconstrução de padrões normativos e a ascensão das Drags do patamar de antigas aberrações sociais ao de divas reconhecidas na atualidade.

Palavra-chave: Moda - Drag Queen – Figurino –

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Rogéria nos anos 1970.....	16
FIGURA 2: Laerte Coutinho	17
FIGURA 3: Perucas do Antigo Egito.....	21
FIGURA 4: Estilo dos Incroyables franceses.	26
FIGURA 5: moda masculina anos 70.....	28
FIGURA 6: Drag queens dos anos 1870.....	30
FIGURA 7: RuPaul montado e desmontado.....	35
FIGURA 8: Pablio Vittar montado e desmontado.....	36
FIGURA 9: Naomi Smalls.....	37
FIGURA 10: Bianca Del Rio.....	38
FIGURA 11: Derrick Barry, cover de Britney Spears.....	39
FIGURA 12: Coco Montrese.....	39
FIGURA 13: Courtney Act, antes e depois.....	40
FIGURA 14: Anthony, Adam e Bernadette.....	42
FIGURA 15: O ônibus Priscilla.....	42
FIGURA 16: Grupo de aborígenes.....	43
FIGURA 17: Bob, mecânico.....	44
FIGURA 18: Cynthia Campos, esposa de Bob.....	44
FIGURA 19: Figurino criativo e marcante.	46
FIGURA 20: Figurino simples e sóbrios... ..	46
FIGURA 21: Figurino em grande contraste com o deserto australiano	47
FIGURA 22: Cidade com aspecto empoeirada e decadente.....	48
FIGURA 23: Suposto abuso sexual que Felícia passou na infância.....	49
FIGURA 24: Bernadette na infância com presente trocado.....	49
FIGURA 25: Ônibus Priscilla pichado com frase preconceituosa.....	50
FIGURA 26: Felícia testando sua feminilidade.....	51
FIGURA 27: Roupas com coloração neutra.....	53
FIGURA 28: Físico masculino de Adam.....	53
FIGURA 29: Contraste entre as roupas femininas de Bernadette.....	54
FIGURA 30: Vida Boheme, Noxeema e Chi-Chi comprando o cadillac.....	56
FIGURA 31: Abuso nas relações entre masculino e feminino.....	57
FIGURA 32: Algumas moradoras com os cabelos arrumados	57

FIGURA 33: Estilos diferentes das três personagens.....	59
FIGURA 34: Moradores locais com suas roupas conservadoras.....	60
FIGURA 35: O vermelho das cores das roupas em contraponto com o cinza da cidade de fundo.....	61
FIGURA 36: Efeito das cores na decoração do quarto.....	61
FIGURA 37: Julie Newmar e os dizeres históricos.....	64
FIGURA 38: As personagens e a imagem icônica que deu nome ao filme.....	65

SUMÁRIO

I INTRODUÇÃO	08
1.1 JUSTIFICATIVA	08
1.2 PROBLEMÁTICA	09
1.3 OBJETIVOS	10
1.3.1 OBJETIVO GERAL:	10
1.3.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS:	10
1.4 METODOLOGIA	11
2 PARA ALÉM DO MASCULINO E DO FEMININO: NOMINAÇÕES DO UNIVERSO	
TRAVESTIDO	13
2.1 TRAVESTIS	13
2.2 CROSSDRESSER	16
2.3 DRAG QUEENS E TRANSFORMISTAS.....	18
3 DAS PLUMAS AOS HOLOFOTES: BREVE CONTEXTO DA CULTURA DRAG QUEEN	
.....	20
3.1 DRAGS DE ONTEM E HOJE: DESCONSTRUINDO REFERENCIAIS DITOS FEMININOS	20
3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DAS DRAGS: DA ANTIGUIDADE AO SÉCULO XXI.....	28
3.3 A DRAG QUEEN NA TRANSIÇÃO DO CARICATO PARA O FEMININO	33
3.4 AS DRAGS E SEUS DIFERENTES ESTILOS.....	37
4 MODA, FIGURINO E SOCIEDADE: O CINEMA E AS CONFIGURAÇÕES	
DISCURSIVAS DO UNIVERSO DRAG	41
4.1 ANALISANDO PRISCILLA	41
4.1.1 Contexto	41
4.1.2 Figurino	45
4.1.3 Ambientação	47
4.1.4 Estereótipos	48
4.1.5 Construções do masculino	52
4.1.6 Construções do feminino.....	54
4.2 ANALISANDO WONG FOO.....	55
4.2.1 Contexto.....	55
4.2.2 Figurino	58
4.2.3 Ambientação	60
4.2.4 Estereótipos	62
4.2.5 Construções do masculino	63
4.2.6 Construções do feminino.....	63
4.2.7 Mas afinal, quem é Julie Newmar?	64
4.3 As obras e suas construções sobre o universo Drag	65
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
6 REFERÊNCIAS	70

1 INTRODUÇÃO:

Hoje em dia artistas Drag Queens estão bastante em evidência nas mídias, seja em programas de televisão, revistas, redes sociais, em grandes palcos e, principalmente, na moda. Pessoas com talentos extraordinários e de carisma inconfundível ganham cada vez mais notoriedade na sociedade. Conforme vão conquistando um espaço como profissionais inspiradores, saem de um viés de uma anomalia social para o grande estrelato, chegando ao ponto de terem seus próprios programas de TV e seus próprios canais midiáticos, ou seja, fama e glamour.

Antigamente esses artistas eram vistos apenas como homens que se vestiam de mulheres e faziam piadas sarcásticas para alegrar seu público em bares e casas noturnas. Com o passar dos anos as Drags foram se reinventando até chegarem a modelos de feminilidade e perfeição atuais, graças muitas vezes a influência de grandes divas do mundo pop. Madonna, Britney Spears, Christina Aguilera, Lady Gaga e, não podendo deixar de lado a mãe de todas, Cher, são os nomes de maior responsabilidade para essa transição.

A partir do universo Drag, de suas raízes até a atualidade, este trabalho tem como objetivo analisar as configurações discursivas entre moda e figurino que colaboraram para estabelecer, ao longo da história, este mundo supostamente alegre e fantasioso das Drag Queens. Neste sentido, buscar-se-á perceber onde e quando houve a transição das Drag Queens caricatas e divertidas para as ultra femininas e pops dos dias atuais.

1.1 JUSTIFICATIVA:

No atual mundo da moda os chamados agênero ou neutrois surgiram como parte de um processo social de desmistificação da bipolaridade sexual. Neste sentido, nas tendências atuais moda a aparência são constantemente desconstruídas e desmistificadas. A pluralidade, que resulta da diversidade como uma das grandes tendências mundiais dos últimos anos, faz com que seja mais difícil definir o que antes se percebia como masculino ou feminino. Essa pluralidade visual e comportamental é buscada aqui a partir da análise do universo das Drag

Queens, num sentido de desconstruir os estereótipos de masculino e feminino que durante tanto tempo convencionaram o vestir da sociedade moderna.

Para a Academia, este trabalho permite a quebra da definição convencional dos padrões sociais sobre o que é masculino e feminino, podendo-se ver o figurino desses artistas como parte do processo de construção de uma nova relação de ser através da aparência. Neste sentido, torna-se possível analisar como esse masculino percebe o feminino e o constrói. O reconhecimento da quebra destes padrões permite ao profissional de moda inserir-se de forma mais adequada no universo da moda do século XXI, onde pressupõe-se que a diversidade ditará cada vez mais as tendências.

Por fim, para além dos figurinos e performances, este é um trabalho de extrema importância para a sociedade LGBTQ, pois pretende-se questionar o estereótipo de marginalidade em que esses artistas muitas vezes são inseridos pelo preconceito gerado pela falta de conhecimento do trabalho artístico e representativo do social que desenvolvem.

1.2 PROBLEMÁTICA

Nos dias atuais é notável como as Drag Queens se tornaram influências no universo feminino e da moda. Isto torna-se ainda mais evidente ao perceber o sucesso de programas de televisão como “RuPaul Drag Race”, onde 14 candidatas drags competem em quesitos como: maquiagens, cabelos, roupas, feminilidade, além de performances, dublagens e humor. A influência destas produções visuais se torna mais nítida na atualidade quando percebemos que as mulheres hoje se “montam” com cílios postiços cada vez maiores, maquiagens pesadas, unhas escandalosamente postiças e cabelos super produzidos. Não estariam elas espelhadas nesses artistas reconhecidos pelas extravagâncias dos cílios às perucas?

Cabelos longos e volumosos foram tradicionalmente concebidos como distintivos de feminilidade e status entre as mulheres. Neste sentido, essa relação com os cabelos continuou forte na atualidade, mas não somente entre as mulheres: as Drags, os travestis e transexuais replicaram este investimento nas madeixas, reforçando-os como símbolo de feminilidade. Cabelos naturais ou perucas, desde que sejam exuberantes, passaram a ser parte significativa da personificação Drag.

Para além das perucas, as Drag Queens são de longe reconhecidas na atualidade pela extravagância e feminilidade, reforçadas pelo brilho, maquiagem, decotes e jóias, hoje associadas mais a elegância e glamour. Mas no passado recente, esses artistas deslumbravam com muitas plumas, paetês e perucas engraçadas, no entanto não passavam a credibilidade que desejavam, eram vistas mais como palhaças, pois faziam seus shows em cima de músicas consideradas bregas e com pitadas de humor. Já no século XXI, tornaram-se cada vez mais ligadas à moda, aos blogs, aos perfis de grandes celebridades, e com isso estão ganhando reconhecimento e prestígio: podem ser vistas em passarelas de moda desfilando para grandes estilistas ou estão cantando em palcos reconhecidos mundialmente e ganhando prêmios disputados.

As tradicionais Drag Queens foram engolidas pelas redes sociais? Ou se reinventaram ao longo da história para não serem extintas? De que modo tudo isso se refletiu na maneira como transitam hoje no universo das aparências entre o masculino e o feminino? Pode-se perceber essa transição nos atuais ícones que alcançaram reconhecimento e prestígio nas mídias? E de que forma a moda e o figurino se encontram para perfomar estes novos discursos de ser no século XXI?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 OBJETIVO GERAL:

Analisar, a partir da relação entre moda, sociedade e figurino, a transição das Drag Queens do estereótipo caricato dos anos 1970 para o feminino pop e fashion dos dias atuais.

1.3.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS:

- Contextualizar historicamente o universo Drag Queen;
- Definir os diferentes conceitos de gênero para perceber as distinções dentro do universo Drag;
- Analisar filmes que tiveram sucesso ao abordar a temática Drag no final do século XX;
- Estipular o discurso da aparência no universo Drag ao longo da história;

- Comparar o discurso performático (visual e comportamento social) das Drag Queens a partir dos 1970 até os dias atuais;
- Discutir a influência das divas pop para as mudanças no performar das Drags do século XXI;
- Definir a relação entre moda e figurino no universo artístico das Drags na atualidade.

1.4 METODOLOGIA

Para este trabalho fez-se uma pesquisa de natureza básica e exploratória. Sendo uma temática muito atual e bem pouco explorada em publicações nacionais, foi necessário apelar ao cyber espaço para buscar informações pertinentes à análise que aqui se propôs. Para além do material disponível online, fez-se a análise de dois filmes representativos do universo Drag: “Priscilla: a rainha do deserto” (1994) e “Para Wong Foo, Obrigado Por Tudo!” (1995). A escolha destes filmes se deu por entender-se que representam um marco divisor de águas na percepção social sobre os Drag Queens. Em ambos, produzidos em fins do século XX, percebe-se a busca de humanizar, através dos problemas e relações cotidianas, a realidade das vidas por traz das luzes ofuscantes dos palcos. Essa humanização, acredita-se aqui, auxiliou na descriminalização e aceitação pública mais evidente das últimas décadas, além de levar o grande público a questionar os papéis sociais atribuídos convencionalmente ao masculino e ao feminino e a aparência que estes papéis refletem. Estas obras permitiram também ao grande público reconhecer o artístico que é construído pela performance do artista, desmistificando a marginalidade a que tradicionalmente foram submetidos ao longo da história.

Uma das obras filmicas mais antigas e famosas, “Pink Flamingos” (1972), foi excluída para a análise. Por seu caráter grotesco e brutal e ela reforçou a marginalidade e anomalia social atribuídos tradicionalmente ao universo Drag.

Além desses filmes, considerou-se também o famoso programa de televisão estadunidense “RuPaul Drag Race”, que está no ar desde 1990. Enaltecendo o universo Drag como espaço de criação e manifestação cultural, o programa está na 9ª temporada com aproximadamente 15 episódios cada uma, disponíveis em

www.netflix.com. Esse programa auxilia numa leitura geral dos discursos Drag no século XXI, mas não fez-se uma análise aprofundada.

Com relação aos filmes, analisou-se contexto, figurino, ambientação (cenografia) estereótipos construídos ou desconstruídos, discursos sobre o masculino e sobre o feminino, tudo isso para caracterizar de que forma essas duas famosas obras construíram o universo Drag para a grande massa. Optou-se por uma leitura das obras desprovida de caráter mais teórico, pois buscou-se no aparente, naquilo que salta aos olhos dos leigos, as características que tornaram estas obras significativas para a desconstrução de padrões sociais e sua possível influência nas massas.

Serviram como base teórica do universo Drag os artigos “Cultura Drag Queen: o que leva uma pessoa a se montar”, (SILVA, BANDEIRA E BARROS, 2017), apresentado no Colóquio de Moda; “Drag Queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas” (IMANAJÁS, 2015), publicado pela Revista de Belas Artes do Centro Universitário Belas Artes, de São Paulo; e a dissertação de mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, “Femininos de montar - Uma etnografia sobre experiências de gênero entre Drag Queens”, (SANTOS, 2012), entre outras obras

Neste sentido, o trabalho foi dividido em três partes. Inicia-se apresentando os conceitos que definem a relação entre os atributos visuais feminino e sua adoção pelo universo masculino em termos como travestis, crossdancers, drags e transformistas. Num segundo momento, parte-se para a relação que sociedade estabeleceu com os itens da moda que caracterizavam o masculino ou o feminino em outros tempos e o contexto histórico do surgimento e ascensão das drags. Por fim, faz-se uma breve análise dos filmes “Priscila, rainha do deserto” e “Wong Foo, obrigada por tudo”, obras que levaram ao grande público a vida por trás das maquiagens e holofotes, humanizando as Drags e permitindo uma identificação com os artistas que quebrou muitos dos tabus da sociedade conservadora e tradicional, abrindo espaço para o reconhecimento público das grandes divas drags da atualidade.

2 PARA ALÉM DO MASCULINO E DO FEMININO: NOMINAÇÕES DO UNIVERSO TRAVESTIDO

Travestis, crossdressers, drag queens, transformistas, o que os aproxima e o que os difere? Em todos eles há a desconstrução do visual atribuído aos gêneros masculino e feminino pela cultura tradicional ocidental. Para que se possa abarcar as relações que o Drag estabeleceu com a moda e o feminino ao longo da história, cabe antes de tudo definir estes diferentes meios de nominação da performance para além do gênero binário.

2.1 TRAVESTIS

O termo travesti já é bastante conhecido pela sociedade. Este nome é dado para uma das categorias da sigla LGBTQ e é usada para definir pessoas que se vestem com peças e acessórios do sexo oposto. Na maioria dos casos são homossexuais que não se classificam nem com o gênero masculino nem com o feminino. Essas pessoas podem ou não passar por procedimentos para mudança na aparência física, como por exemplo preenchimento labial, próteses de silicone na região peitoral e nádegas. Em alguns casos passam a fazer uso de medicamentos que alteram os hormônios para mudança de voz e crescimento capilar mais acelerado.

O termo travesti ao longo dos anos obteve variações de nomenclatura, algumas delas chegam a ser pejorativas, como por exemplo “traveção” que infelizmente é usado até hoje como forma de diminuir e agredir verbalmente essas pessoas.

O termo “travesti” é antigo, muito anterior ao conceito de “transexual”, e por isso muito mais utilizado e consolidado em nossa linguagem, quase sempre em um sentido pejorativo, como sinônimo de “imitação”, “engano” ou de “fingir ser o que não se é”. (JESUS, 2012, p.16).

As pessoas que travestem sofreram e sofrem até hoje com injúrias no sentido de como são tratadas e também pela falta de oportunidades no mercado de

trabalho convencional. Sendo assim, algumas delas vão para o mundo da prostituição e isso ocasiona ainda mais preconceito, pois a sociedade acaba generalizando e denominando o grupo todo como perverso e degenerado. A forma de tratar essas pessoas deve ser sempre no feminino, ou seja, “as travestis” e não “os travestis”. Nessa reconfiguração visual, a moda participa como definidora e reafirmadora de estereótipos femininos.

A moda moderna ‘brinca’ permanentemente com a distinção entre masculinidade e feminilidade. Através da moda, expressamos as nossas ideias inconstantes em relação a masculinidade e a feminilidade. A moda deixa-nos brincar com o travestismo precisamente para o esvaziar de todo o seu perigo e poder. (WILSON, 1985, p.165)

Se “montar” quer dizer deixar de lado todo o “normal” ditado pela sociedade e se produzir para deixar vir à tona o lado “personagem” transgênero. Para que isso ocorra é preciso muita destreza para com os materiais usados nessa transformação, são eles: perucas sejam elas de cabelo humano ou sintético, maquiagens, cílios postiços e roupas que dependendo da ocasião são bastante atrativas e caras, em alguns casos existem travestis que usam o próprio cabelo, sendo assim basta apenas “arrasar” no penteado.

Depois há a luta da própria natureza estética, entre elas a exclusão de pelos corporais. Algumas travestis passam por longos procedimentos para eliminar definitivamente qualquer vestígio ou sinais de masculinidade como por exemplo a retirada do pomo de adão que na maioria dos casos é o que mais deixa em evidência que é um homem vestido de mulher.

Além de montar-se, as travestis necessitam agir diariamente como mulheres: com isso é necessário observar trejeitos femininos, estar atentas com a tendência atual da moda e treinar a voz para ficar mais finas e sutis possível, ou seja, praticamente uma luta diária contra a natureza de seus corpos para tentar chegar próximo da “perfeição” feminina que idealizam. Apesar de toda transformação nas roupas e na parte estética, as travestis não sentem nenhum incômodo com suas genitálias e aceitam essa parte normalmente uma vez que bem “escondida”.

O corpo faz parte da comunicação do indivíduo, é visualmente uma introdução da personalidade que é proposta. A reflexão em si está no que motiva as transições em torno dos gêneros, o corpo pode ser modificado cirurgicamente ou por meio de hormônios, mas o invólucro de tecido, permite que isso seja feito rapidamente, e desfeito em segundos. Uma brincadeira de querer ser, e parecer ser, nos vestimos de acordo com os nossos impulsos, de alcançar a posição social pretendida. O certo se confunde com o errado e a busca da verdade é um terreno propício para a experimentação da Moda. Nos tempos antigos a roupa era um divisória entre os gêneros, já hoje assim como os tabus e as divisões sociais de gênero estão sendo quebrados, a vestimenta, uma narrativa constante que propõe a aproximação Estética entre as pessoas. (NASCIMENTO, 2016, p. 66)

No Brasil Rogéria (Figura 1), conhecida nacionalmente como a travesti da família brasileira, tornou conhecido do grande público este universo. Levava este título devido as suas diversas participações em novelas, teatro e cinema, além de uma personalidade fortíssima e cheia de atitude. Com o nome original de Astolfo Barroso Pinto, nascido no Rio em 1943, era neta de artistas de teatro e iniciou na carreira artística como maquiadora de celebridades. Morou fora durante alguns anos onde fez shows internacionais e ainda foi premiada pelo espetáculo que apresentou ao lado do também conhecido Grande Otelo. Rogéria também participou como jurada de vários programas de calouros, foi coreógrafa da comissão de frente da escola de samba São Clemente e, em 2016, lançou sua biografia “Rogéria – Uma mulher e mais um pouco”, de Márcio Paschoal. Em 2017, por conta de uma infecção generalizada a atriz veio a óbito, tendo deixado com sua vida e obra um legado de desconstrução do preconceito sobre travestis.¹

¹ Sobre a vida de Rogéria, <https://cultura.estadao.com.br/blogs/radar-cultural/rogeria-dizia-que-era-a-travesti-da-familia-brasileira/> Acesso em junho de 2018.

FIGURA1: Rogéria nos anos 1970.



Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/03/cultura/1483460379_082451.html. Acesso em 20 março 2019.

Diferente do travestismo, atualmente o termo crossdresser veio para ampliar as relações entre percepção corporal e de gênero, subvertendo o sentido de homossexualidade tradicionalmente atribuído ao universo das travestis.

2.2 CROSSDRESSER

O termo crossdresser diferente do termo travesti não é tão comum, apesar de ser uma prática usada há bastante tempo. O termo pode também ser chamado de transformista e não está ligado a orientação sexual. O que difere o crossdresser do transformista é a questão de ambientes, ou seja, transformista está mais ligado a grandes shows e espetáculos de transformação. Segundo Jesus (2012, p.18),

a vivência do crossdresser geralmente é doméstica, com ou sem o apoio de suas companheiras, têm satisfação emocional ou sexual momentânea em se vestirem como mulheres, diferentemente das travestis, que vivem integralmente de forma feminina.

Um crossdresser não necessariamente é um homem que se veste de mulher por se ver como tal. Mulheres, homossexuais, bissexuais, transexuais e outros, não são impedidos de querer se sentir bem com o uso de roupas e acessórios que são usadas normalmente pelo sexo oposto, pois isso não define orientação sexual e sim um estilo de vida, ou seja, uma satisfação pessoal.

Diferente de uma Travesti que sofre preconceito em várias áreas, inclusive para ingressar no mercado de trabalho, os crossdressers conseguem trabalhar em diversos setores. No Brasil temos a cartunista Laerte Coutinho (Figura 2) considerada uma artista com grande potencial e prestígio. Tendo sido casado e pai de três filhos, Laerte, que durante anos viveu como crossdresser, atualmente se identifica como transgênero e é co-fundadora de uma instituição voltada para esse gênero, a ABRAT – Associação Brasileira de Transgêneros.²

FIGURA 2: Laerte Coutinho



Fonte: disponível em:

<[Acesso em 20 mar. 2019](https://www.google.com/search?q=laerte+coutinho&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiUIMP49JXhAhW6F7kGHX6yBIkQ_AUIDigB&biw=1366&bih=625#imgrc=yXXReBrU35DcSM:></p></div><div data-bbox=)

² Sobre a vida de Larte Coutinho <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa24989/laerte>. Acesso em 20 março de 2019.

Em resumo, crossdresser nada mais é do que a prática de vestir roupas e acessórios do sexo oposto que um indivíduo busca para reestabelecer sua auto-estima ou qualquer outro tipo de prazer, sem necessariamente ter influência na orientação sexual. Essa mudança de vestimentas e comportamento é vista ocasionalmente em eventos específicos. (OLIVEIRA , 2015)

2.3 DRAG QUEENS E TRANSFORMISTAS

Apesar de comumente confundidas essas duas categorias tem suas diferenças. Em geral, sabe-se que as duas são homens que se vestem de forma considerada feminina. As Drag Queens são homens que, tradicionalmente, usaram de artifícios do universo feminino de forma exagerada e caricata. Atualmente é possível ver que não são necessariamente “palhaças de luxo”, pois existem as drag queens de certa forma mais “clean”, ou seja, com uma pegada artística e mais feminina. Algumas dessas artistas não se importam tanto em parecer uma mulher de verdade, estão mais ligadas à própria arte de encantar com o visual, em alguns casos não se parecem nem com mulher nem com homens e sim propositalmente com monstros ou outros personagens, para isso usam a criatividade na hora de se vestir e de se maquiar. (BRUNO, 2018)

Por outro lado as transformistas sentem sim a necessidade de se parecerem fisicamente com uma mulher, apesar de também fazerem shows em casas noturnas, performances luxuosas ou até mesmo em grandes palcos como cantoras ou dubladoras. Para a transformação corporal de uma transformista, são usadas também maquiagens, perucas coloridas ou não e muita espuma para usar de enchimento em partes específicas, para moldar um novo corpo, como os seios, bumbum e até mesmo panturrilhas e, por cima de todo esse material, são usadas meias finas para eliminar as imperfeições dos cortes na espuma. (BRUNO, 2018)

Em ambos os casos, nota-se a preocupação de personificar um outro para além das convenções sociais.

O discurso popular sobre moda, no entanto sugere que qualquer estilo que ajude a escapar da “prisão do gênero” é implicitamente “liberador”. Apesar da prática de se vestir roupas de mulher ter “sido sempre uma prática da cena fetichista” (abrangendo uma ampla variedade de empregadas

recatadas, drag queens e homens tentando se “passar” por mulheres. (STEELE, 1997, p.197)

Mais ou menos femininas, reais ou caricatas, no espaço Drag haverá uma maior manifestação de diferentes estilos, pois a arte legitima a liberdade de expressão corporal nas montagens e personagens que personificam.

3 DAS PLUMAS AOS HOLOFOTES: BREVE CONTEXTO DA CULTURA DRAG QUEEN

Nascido nos Estados Unidos por volta de 1870, o termo Drag Queen se tornou mundialmente conhecido não só por sua relação com os gays como também pelo teatro, uma arte que com o tempo veio para quebrar tabus. Mas o que é Drag Queen? O termo Drag é uma sátira do binarismo social sobre a desconstrução de gêneros. Drags Queens são na sua maioria homens que se travestem de mulheres com bastante extravagância, luxuosidade e caricatura (AMANAJÁS, 2012). Além disso houve uma transição das Drag Queens caricatas dos anos 1970 para as então femininas “baphônicas” dos dias atuais.

3.1 DRAGS DE ONTEM E HOJE: DESCONSTRUINDO REFERENCIAIS DITOS FEMININOS

Hoje em dia quando se fala no termo Drag Queen, imediatamente vem na cabeça a imagem de maquiagens caricatas, perucas extravagantes e muitos detalhes no vestuário, peças complexas e extremamente enfeitadas. No entanto não é de hoje que esses elementos são vistos na composição do visual. Durante muito tempo na história do vestuário sempre foi evidenciado que peças bifurcadas (calças) eram para homens e saias e vestidos seriam destinadas apenas para o sexo oposto, mas basta pegar qualquer livro de história do vestuário ou da moda para ter convicção de que nem sempre foi assim.

A linha divisória mais óbvia aos olhos modernos está entre a vestimenta masculina e a feminina: calças e saias. Mas não é absolutamente verdadeiro que os homens tenham sempre usado roupas bifurcadas e as mulheres não. Os gregos e romanos usavam túnicas, o que quer dizer, saias. Povos de regiões montanhosas como escoceses e os gregos modernos usam o que são na verdade, saias. Mulheres do Extremo Oriente e do Oriente Próximo usavam calças e muitas ainda o fazem. A divisão por sexo acaba não sendo verdadeira. (LAVÉ, 1989, p.7)

No passado, túnicas eram usadas por homens e mulheres e as principais variações delas eram em relação ao comprimento, tecidos e coloração, sendo assim consideradas peças “coringas” entre gregos, romanos, egípcios entre outros povos antigos.

No Egito Antigo já se fazia o uso de perucas sempre perfumadas e escovadas, jóias, adornos e muita maquiagem ao redor dos olhos e na pele para realização de grandes cerimônias pois geralmente os homens e mulheres tinham as cabeças raspadas como tradição. Essas perucas eram confeccionadas de cabelos humanos ou de fibras vegetais, sendo obviamente as de cabelo humano as mais caras e mais bonitas (Figura 3).

FIGURA 3: Perucas do Antigo Egito



Peruca exposta no “British Musoum” feita do cabelo humano encontrada na tumba suposta do Thebes 18th Dynasty, about 1550-1300 BC

FONTE:

biw=1366&bih=625&tbn=isch&sa=1&ei=jguhXLL3LeW95OUPrISvsAl&q=perucas+masculinas+e+m
 aquiagens+do+antigo+egito&oq=perucas+masculinas+e+maquiagens+do+antigo+egito&gs_l=img.3.
 ..14535.17332..17684...0.0..0.124.1241.0j11.....1....1..gws-wiz-
 img.lb6paCwYu80#imgrc=xkBDmRcr06VAVM: Acesso em 30 março de 2019.

Naquela época, a maquiagem era usada como proteção dos olhos e do corpo, pois repelia insetos e protegia contra os raios do sol, porém, quanto maior o poder maior a quantidade de maquiagem e óleos aromatizantes, sendo assim nas pessoas mais pobres quase não se notava o uso de quaisquer produtos (cosméticos). Indo um pouco mais a fundo as maquiagens eram tidas como algo místico, pois os egípcios a usavam como uma barreira para evitar olhar diretamente para o sol (o Deus Rá). A coloração preta que era usada nos olhos era

elaborada com uma mistura chamada “kohl”. No rosto era usado o rouge que ajudava na coloração das bochechas e lábios. A depilação corporal também era uma prática muito comum, pois conciliava na prevenção contra piolhos, carrapatos ou qualquer outra espécie de parasitas. Todos estes são elementos que hoje são tradicionalmente atribuídos às mulheres, mas na Antiguidade serviam de distintivos sociais independentes do gênero. (LAVÉ, 1989)

Em Roma por volta do século I e II d. C., a vaidade masculina tinha uma força muito grande, o que hoje seria encarado como desvio da masculinidade naquela época era mais ligado a higiene e passava também uma credibilidade maior, ou seja, um cabelo mal cortado, a barba desgrenhada e a pele mal cuidada remetiam ao desleixo e até mesmo uma falta de respeito.

Já no contexto da sociedade moderna, em meados do século XVI, a corte espanhola passou a fazer uso de enchimento nos gibões para dar volume em algumas partes do corpo. Esses enchimentos eram feitos de retalhos, crinas de cavalo e algumas vezes de fibras vegetais e farelos. Nestes enchimentos percebe-se um corpo que se monta através dos artifícios da moda. (LAVÉ, 1989)

No século XVII, para além das rendas, fitas, laçarotes, cores vivas, tecidos finos e maquiagens, a moda masculina introduziu na Europa as perucas como distintivo social.

A peruca comprida e cacheada usada pelos homens elegantes era muito grande e pesada, sendo que as pessoas ativas, como os soldados, achavam-na um estorvo. Temos notícias de uma peruca “de campanha” e outra “de viagem”. O estranho é que possuir uma peruca de algum tipo era considerado absolutamente essencial e que essa moda tenha durado, para as classes altas da Europa ocidental, quase um século. (LAVÉ, 1989, p.122).

Foi em meados do século XVII que os homens começaram a se “montar” de verdade, foi nessa época que as perucas começaram a serem vigoradas com mais força por toda a Europa. Por volta de 1680 houve o surgimento da chamada *perruque à crinière*, a peruca comprida, com longos cachos milimetricamente definidos e bem distribuídos davam o ar tão esperado de requinte e valorizava as classes, esse acessório passou então a fazer parte fundamental do vestuário masculino. Como essa peruca tinha um tamanho um pouco avantajado era bastante desconfortável para qualquer atividade com certo grau de dificuldade. No entanto, foi aí que surgiu a peruca de campanha, sendo ela com um tamanho

bastante reduzido, mas ainda assim dispendo de cachos: três cachos, um atrás e os um de cada lado emoldurando o rosto. No início do século essas perucas eram empoadas, para ficarem com um aspecto acinzentado e sem mal cheiro, prática que durou até a revolução francesa. (LAVÉ, 1989).

Para manifestar seu poder, os senhores adornam-se de ouro, jóias, e vestem roupas com as cores mais preciosas, como a púrpura. As cores artificiais, que derivam de minerais ou vegetais e sofrem complicadas elaborações, representam uma riqueza, enquanto os pobres vestem-se apenas com tecidos de cores pálidas e modestas. (ECO, 1932, p.105)

Ainda no século XVIII, a estética e o apego a tudo que era da cor branca remetia a algo puro e limpo, daí o uso de pó de arroz em excesso, cremes, pomadas e máscaras. Tanto os homens quanto as mulheres faziam uso do produto, mas os homens usavam tanto que acabavam ficando com uma aparência feminina e muitas vezes bizarras. Como os banhos não eram uma prática muito frequente, abusava-se do consumo excessivo de perfume e aromatizantes, mas ainda assim não deixavam de se cuidar e usavam tecidos brancos umedecidos em fragrâncias para massagear as partes que poderiam ocasionar algum odor desagradável. (LAVÉ, 1989)

Até o século XVIII na Europa, a aceitação do comportamento aristocrático licencioso, pelo qual os homens de classes hierarquicamente superiores relacionavam-se sexualmente com parceiros masculinos e femininos (especialmente na Inglaterra), organizava o universo masculino em torno do esplendor da imagem do homem, sua importância era maior quanto maior fosse a ostentação em seu traje. (BRANDINI, sp)

Levando em consideração que na atualidade o vestuário masculino se desencadeou numa certa “simplicidade”, vale reforçar que nem sempre foi assim. O que hoje se resume basicamente em calça, camisa e sapato, durante toda a história aconteceu de forma oposta, ou seja, elementos que hoje são considerados do universo feminino, como por exemplo, rendas, perucas, maquiagens, adornos, jóias, tudo que tem a ver com a questão hoje em dia vista como a delicadeza da mulher, no passado fazia parte da masculinidade dos homens, pois todos esses

elementos considerados “fru frus” tinha um custo mais elevado e estavam ligados a *status*, ostentação e poder. E o poder era masculino. Esta relação entre poder e ostentação será legitimada pelo luxo visual e vai estabelecer que o universo da aparência, desde a antiguidade até fins do século XVIII, tenha a ostentação feita pelo excesso de informações enriquecidas por cores, adornos e tudo mais.

A extravagância no traje tornou-se seara feminina e o mundo masculino passou a explorar outras formas de representação do status: se até o século XVIII a espetacularidade no traje masculino constituía uma forma aristocrática de representação de poder, novas convenções sociais, entre elas, a banalização do luxo ostentatório entre a aristocracia, a projeção do corpo humano como extensão do trabalho e a condenação do homossexualismo em países como a Inglaterra, a partir do século XVIII, reduziram a espetacularização no traje do homem, tornando-o escuro e sóbrio. (BRANDINI, sp)

No século XIX aparece então a imagem do “fru fru” feminino e é em cima disso que se constrói uma aparência da drag: maquiagens, cabelos, tudo que até o século XVIII era considerado tanto masculino como feminino.

A linguagem corporal afeminada e maneirismos afetados eram sinal de poder aristocrático, a ser imitado por homens burgueses que, em busca de promoção social, infringiam leis suntuárias e adotavam elementos do estilo de vestimenta dos aristocratas, além de hábitos e preferências sexuais dos mesmos. (BRANDINI, sp)

Mesmo o salto alto surgiu para os homens. Apesar de alguns reis já fazerem uso dos sapatos de salto, foi o rei Luís XIV que fixou essas peças na moda, mas ao contrário dos outros, ele fez uso por conta da sua altura, ou seja, os sapatos com saltos transmitiam uma certa superioridade em relação aos demais, pois não era admissível um rei com todo seu poder e prestígio ter uma altura inferior.

Sapatos de plataforma (para homens e mulheres) existiram em muitas culturas, onde seu significado não está de forma alguma limitado ao erotismo. Ao aumentar a estatura aparente de quem o usa, eles podem significar *status* elevado. (STEELE, 1997, p.105).

No início do século XIX, apesar da influência da racionalidade do iluminismo e da razão burguesa pós revolução francesa ditarem a simplicidade e elegância como distintivos masculinos, eis que surgem os dândis, elegantemente bem

trajados de forma excêntrica e bem alinhada dispunham ainda de uma certa “feminilidade” que aos dias atuais seriam considerados homossexuais. Essa percepção foi reforçada pela preocupação extrema com a beleza física e com as roupas da moda e pelo fato de que alguns dândis faziam uso de uma peça que durante toda a história era única e exclusivamente do universo das mulheres, o espartilho. Faziam uso desse acessório geralmente para se manter mais alinhados e com a cintura extremamente fina, mantendo assim um corpo que era distintivo social. (SOUSA, 1987)

Por vezes o dandismo se manifesta como oposição aos preconceitos e costumes correntes, e eis por que parece significativa para alguns dândis a escolha da homossexualidade, que na época era totalmente inaceitável e juridicamente punível (célebre até hoje o doloroso processo contra Oscar Wilde). (ECO, 2004, p.334)

O dandismo inglês teve seus precursores na Revolução Francesa de fins do século XVIII: as perucas empoadas, o excesso de maquiagens e perfume, enfeites e acessórios voltam a ser usados por alguns homens, os chamados incroyables (Figura 4). Esses “inacreditáveis”, faziam parte de uma subcultura aristocrática da moda na Paris revolucionária. A moda masculina desta época passou então a ser considerada extremamente fútil e radical e em alguns casos até tola. Toda a excentricidade se deu após o caos da Revolução Francesa, o que no futuro serviria de base na mudança do vestuário masculino. (SOUSA, 1987)

No pós-guerra, o curso natural da moda seria a simplicidade e a praticidade. Entretanto, depois de crises, a moda costuma apresentar tendências para luxo e nostalgia de eras “seguras”. A roupa masculina também foi afetada pela nostalgia. (CANTAO, 2012 s. p)

O século XIX e início do século XX deram margem à uma simplicidade e austeridade em materiais e cores para a moda masculina (SOUSA, 1987). É por volta dos anos 1950 que, já recuperados do caos da Segunda Guerra Mundial e com a ascensão de uma classe média e cultura jovem, os homens passam a ter mais cuidado com a aparência, levando a que, gradativamente nas décadas subsequentes, a moda masculina reintroduza elementos de quebra com a austeridade que se configurou como tradicional (SOUSA, 1987).

FIGURA 4: Estilo dos Incroyables franceses.



Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Incroyables_and_Merveilleuses#/media/File:1802-Les-Modernes-Incroyables.jpg Acesso em 15 de abril de 2019.

Uma figura marcante desta época era o cantor performático Elvis Presley, que levava milhões de fãs a loucura com seu jeito único de dançar e de se apresentar. Pele sempre bem cuidada e sem barba e cabelos extremamente alinhados, personificou a juventude rebelde com seu rock and roll e movimento pélvico. Homens do mundo todo copiaram o famoso topete volumoso do artista. Elvis com seu olhar penetrante muito sedutor as vezes até imprimia uma certa feminilidade, porém o lado galã nunca foi abalado, pelo contrário, era cada vez mais apreciados por todos.

O trânsito de idéias entre homens e mulheres tornou-se frequente a partir da década de 60: as mulheres adotaram a forma da jaqueta de aviador e a camisa masculina, ao passo que os homens se apropriaram das calças esportivas listradas e coloridas usadas pelas mulheres. (LAVÉ, 1989, p.274)

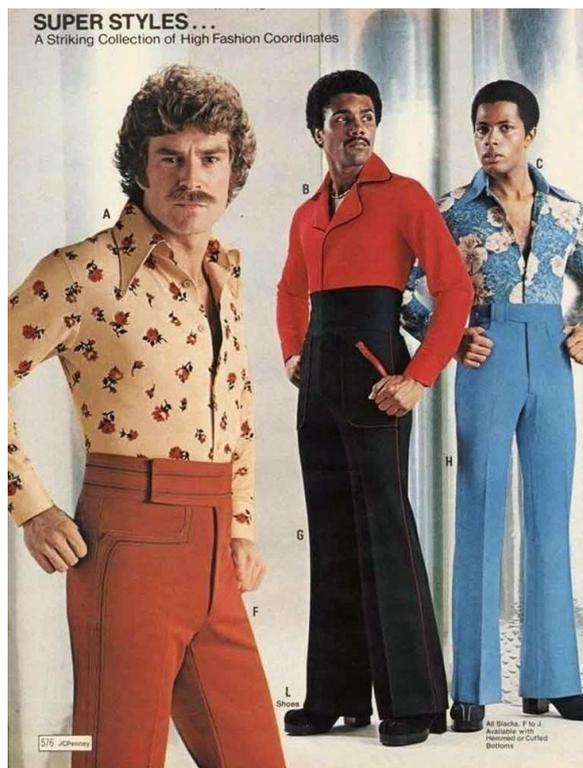
No final da década de 1960, começaram a aparecer os primeiros homens com cabelos compridos e roupas coloridas em tecidos tradicionalmente atribuídos ao feminino pela sociedade burguesa de então. Com o movimento hippie esse estilo tornou-se cada vez mais comum, pois os hippies pregavam a igualdade, liberdade de expressão, liberdade sexual, ambientalismo, etc., sendo assim o estilo que em décadas passadas eram consideradas feminino, volta à tona com muita força, inclusive na área musical. (BAUDOT, 2008)

Como grupo, os hippies tendem a viver em comunidades coletivistas ou de forma nômade, vivendo e produzindo independentemente dos mercados formais, usam cabelos e barbas mais compridos. Muita gente não associada à contracultura considerava os cabelos compridos uma ofensa, em parte por causa da atitude iconoclasta dos hippies, às vezes por acharem “anti-higiênicos” ou os considerarem “coisa de mulher”. (NASSIF, 2011, sp)

Na década seguinte surge então o termo “unissex”, ou seja, homens e mulheres possivelmente eram vistos usando roupas iguais ou do mesmo estilo e gosto, além de cabelos compridos e alguns acessórios. Com grande influência do festival de música Woodstock, no final da década de 1960, o estilo visual para os homens ficou muito mais livre, ou seja, sem intervenções na aparência. Sendo assim, cabelos compridos e barbas passaram a ser um estilo comumente copiado. Na transição para os Anos 1970, a androgenia se faz notável e o estilo Glam dita moda. Era notável que em alguns estilos do universo masculino passaram a exhibir muita cor, brilho, cintura bem marcada e roupas coladas. O que tradicionalmente até então era tido como feminino marcou esta época. (BAUDOT, 2008)

A era disco surgiu também nos anos 1970 em um ambiente considerado das minorias, ou seja, negros, gays e latinos. Com uma grande influência do festival que finalizou a década anterior, as pessoas desta época não eram apenas ligadas em política ou causas sociais, mas também caracterizaram a década pelas discotecas, ostentação e glamour: homens e mulheres sem distinção, todos queriam ser mais do que os outros pelos excessos da aparência (Figura 5). Esta era foi marcada por muito brilho, homens usavam calças apertadas com bocas de sino, colares enormes adornando os pescoços, sapatos com pequenos saltos e muito gingado. (BAUDOT, 2008)

FIGURA 5: moda masculina anos 70



Fonte: <https://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/anos-70/> Acesso em 20 março de 2019

Assim, nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, o masculino começou a resignificar sua aparência no ocidente, estabelecendo novos discursos visuais que ora se aproximam dos universo feminino, ora se afastam dele, mas que resultaram em parte do processo de quebra com as marcações pré estabelecidas do ser homem ou mulher que a cultura dominante estabeleceu na distinção dicotômica dos sexos.

3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DAS DRAGS: DA ANTIGUIDADE AO SÉCULO XXI

As primeiras drag queens da história tiveram surgimento junto com o teatro na Grécia. Pelo fato de que as mulheres não eram permitidas socialmente a desenvolver atividades teatrais em público, a função foi designada aos homens que interpretavam papéis tanto masculinos quanto femininos. Nos papéis femininos faziam o uso de máscaras na maioria das apresentações. (AMANAJÁS, 2015)

Ao assumir a frente das peças teatrais por volta de 1100 D.C., a Igreja passou a investir em encenações bíblicas e mais uma vez por motivos sociais as mulheres foram vetadas de participar das produções. No entanto, considerando que os anjos eram assexuados e quase não apareciam nas produções, foi permitido que jovens adolescentes interpretassem papéis de poucas falas, como por exemplo os anjos e as Marias.

Mais adiante no século XVI houve o rompimento do teatro com a Igreja e com isso começaram a surgir as primeiras companhias itinerantes de comediantes. Foram nestas companhias que as mulheres passaram a ser aceitas nas apresentações, porém os papéis principais ainda eram exclusivamente dos homens. (AMANAJÁS, 2015)

Neste contexto, nos teatros Elizabetanos, o grande escritor William Shakespeare produzia papéis femininos grandiosos, como as personagens Julieta e Ofélia. Estas personagens foram interpretadas por homens de pouca idade travestidos de mulher e, marcando a seleção de elenco no texto, Shakespeare anotava a palavra “drag”, uma sigla que significava “dressed as girl”, no pé das páginas em alusão aos personagens que seriam interpretados por homens. Por volta do ano de 1674, as drags passaram a ser esquecidas de certa forma, pois as mulheres já tinham a liberdade e a permissão para encenarem papéis femininos de grande visibilidade.

Já entre os séculos XVIII e XIX, devido as mudanças sociais elencadas pelo iluminismo e aos demais aspectos culturais da sociedade industrial burguês e racional do período, as drags, durante tanto tempo esquecidas pelo teatro e vistas como motivo de riso, reaparecem de forma caricata, com roupas excêntricas e exageradas tornando-se populares e veneradas pelos grandes comerciantes da época (Figura 7). Em 1887 a palavra DRAG foi oficialmente registrada para se referir aos homens que se vestem de mulher. (AMANAJÁS, 2015)

FIGURA 6: Drag queens dos anos 1870



Fonte: disponível em: <<http://www.lezpop.it/foto-vintage-e-curiosita-storiche-sulle-drag-queen-gallery/>> Acesso em: 28 set. 2017

O século XX, com suas duas Guerras Mundiais, fez com que o mundo ocidental modificasse suas percepções tradicionais de masculinidade e feminilidade. A moda e o pensamento das mulheres passaram a ter uma percepção diferente perante a sociedade: com surgimento da televisão, do cinema, do movimento gay, feminista e também do cinema, entra em vigor uma nova personificação da mulher. Essa personificação abarcará o universo Drag, que não terão mais tanto espaço em peças teatrais. (PINHONI, 2017)

Os anos 1920, como reflexo da Grande Guerra, serão marcados por mulheres independentes e fortes e isso faz com que os artistas drags busquem se inspirar nas mulheres com padrão de beleza elevado para seus shows de entretenimento. Já no contexto dos Anos Dourados, o feminino tradicional torna-se o foco das mídias: a família, o casamento, o tradicional e convencional tornam-se a ordem do dia. Neste sentido, a década de 1950 volta-se para os movimentos contra

os homossexuais. As drags, como em sua maioria são homossexuais, entraram novamente no anonimato e se tornam alvo do preconceito social.

Em 1960, as artes e com os movimentos jovens, a cultura pop, a pílula anticoncepcional, a diminuição da censura e a diminuição das restrições sobre homossexualidade, fez repensar os papéis sociais atribuídos ao masculino e ao feminino. Os movimentos jovens e de minorias fez-se sentir nesta década, iniciando a contra cultura que se colocou como um estandarte da politização contra o sistema patriarcal e convencional. (OLIVEIRA, 2015)

Foi nas grandes cidades e em regiões de periferia que a comunidade gay passou a ser vista mais comumente, ou seja, o surgimento de bares e casa noturnas abriram novamente espaço para os artistas drag queens e suas apresentações, mostrando uma nova identidade cultural através da música, moda e inspirações em divas da música pop que mostravam-se como uma personificação do que era soberbo, fashion e excêntrico. (PINHONI, 2017)

Assim, durante as décadas de 1970 e 1980, as drags começam a conquistam maior espaço mesmo nas mídias convencionais,

As drag queens não só se resumiram a aparições em show em bares, mas alcançaram o rádio, a televisão, a Broadway – musicais como *Alô, Dolly!* e *A gaiola das loucas* – e o mundo do cinema. Nos filmes, não só participariam em drag, mas como tema condutor da narrativa: *Priscilla, a rainha do deserto*; *Para Wong Foo, obrigada por tudo!* – *Julie Newmar*; *Tootsie*; a versão cinematográfica de *A gaiola das loucas*; *Quanto mais quente, melhor*; e *Uma babá quase perfeita* são exemplos de filmes que abordam o tema drag queen. (AMANAJÁS, 2015 p.17)

É importante salientar que neste contexto, em meados dos anos 1970, ser gay se tornou um ato politizado e as drag queens despontam como símbolo da luta pelos direitos gays. Dos anos 1970 para 1980, com o surto de propagação da AIDS, a sociedade passou a denegrir a imagem dos gays insinuando que eles eram os culpados pela propagação da doença e mais uma vez as drag queens se viram obrigadas a se confinarem em bares gays, sumindo de cena e ressurgindo somente no final de década. Este contexto tornou as drags definitivamente parte do universo gay. (OLIVEIRA, 2015)

Passada a onda de insegurança e perseguição gerada pela Aids, nos anos 1990 a drag queen volta a ser celebrada pela sociedade: agora possui a função de entretenimento,

Os anos 90 chegam abraçando a drag queen de volta ao convívio da sociedade: drag agora possui a função de entretenimento, seja em lipsyncs (dublar uma música de alguma cantora de modo verossimilhante ou caricatural), voguing ou em esquetes cômicas abordando principalmente a cultura e o universo gay através de zombarias, roupas conceituais e magníficas e de um dialeto próprio dessa comunidade. (AMANAJÁS, 2015 p.18)

Por fim, no século XXI a cultura pop e as drag queens são definitivamente unidas e vem a tona com grande força e credibilidade: mais especificamente em 02 de fevereiro de 2009 veio ao ar o primeiro episódio do reality show RuPau's Drag Race. O programa além de enaltecer o trabalho de grandes artistas drags abriu espaço para vários outros artistas mostrarem seu trabalho.

Com as aparições das drag queens na televisão, o Brasil acompanhou e não ficou para trás. Quem não se lembra dos trapalhões travestidos de mulher, da Vera Verão e também da Velha surda? Personagem que fizeram muita gente rir pelo país todo. E este é o ponto principal destas drags mais antigas no Brasil: tiveram reconhecimento por serem caricatas, fazerem humor. Não eram para serem levadas a sério e, portanto, não ofendiam as convenções sociais. Percebidas mais como personagens humorísticos do que como homens vestidos de mulher, eram facilmente tolerados. Mas houve um grupo que quebrou esse conforto do convencionalismo da TV brasileira: nos anos 1970 o grupo Dzi Croquettes, que era composto por homens barbados e com as pernas peludas, roubaram a cena em apresentações musicais em que apareciam usando salto alto, vestidos e muito brilho, tornando-se escândalo nacional. No Brasil, percebidos com receio e pouca visibilidade, alcançaram reconhecimento internacional pela postura política e de arte. Esse grupo de 11 homens foram responsáveis pelo que enxerga-se hoje em dia como drag queens no Brasil.

3.3 A DRAG QUEEN NA TRANSIÇÃO DO CARICATO PARA O FEMININO

Os artistas transformistas, desde o surgimento do estilo no século XIX até por volta da década de 1970, mantinham o perfil bastante masculinizado, traços rústicos, ombros largos, abdômen “rasgados” em músculos e, muitas vezes, a barba por fazer. Apesar de serem pessoas que se montavam como o sexo oposto, a questão não está relacionada ao gênero ou opção sexual.

Gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero (AMANAJÁS, p. 2 Apud JESUS, 2012, p.14).

Na virada dos anos 1960 para 1970, as Drag Queens mantinham apenas a elegância de se vestir como damas da sociedade sem muitas evidências de arte. Partindo dos anos 1970, esses artistas começaram a se produzir com um pouco mais de agressividade, ou seja, maquiagens exageradas, perucas com bastante volumes e adereços, fazendo com que parecessem alegorias de carnaval, transformando-se em verdadeiros palhaços de luxo por sua alma teatral e caricata.

Na era Disco, as drags começaram a ter mais visibilidade, porém, não estavam atuando apenas em palcos e em shows mas também em outros meios, assim, por volta dos anos 1980, pesquisadores inseriram na cultura drag a Teoria Queer, que tem como significado o estranho, ridículo, excêntrico e raro. Segundo Louro, (2012) a política queer adota a etiqueta da perversidade e faz uso da mesma para destacar a ‘norma’ daquilo que é ‘anormal’, ou seja heterossexual ou homossexual.

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis e drags. É o excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do ‘entre lugares’, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina (LOURO, 2012, p.8).

Muitas vezes as drags queens são confundidas com travestis e crossdressers³, entretanto, existe uma definição bem simples de que travestis não são extravagantes e caricatos como as drag queens, contudo possuem traços delicados e com próteses de silicone permanecendo com aparência feminina no seu dia-a-dia, porém continuam com sua genitália masculina. (SILVA,1993)

Mesmo existindo vários vestígios de drags nos anos 1970, a autora Larissa Pelúcio (2009) afirma que as drags tiveram maior estouro nos anos 1990, pois houve cada vez mais espaço nas mídias e perante a sociedade. Artistas como Britney Spears, Beyoncé, Lady Gaga e Shakira, são alguns nomes famosos que começaram a ser dublados elevando o cenário drag pop, no entanto o auge em si foi quando um negro alto com peruca loira surgiu mostrando todo seu talento em performances, atuações, shows e em fotos editoriais. Seu nome? RuPaul Charles (Figura 7).

RuPaul elevou a arte das drag queens no mundo através de seus singles (Supermodel ficou em segundo lugar na Billboard, perdendo somente para I'm Every Woman de Whitney Houston), filmes, trabalhos como modelo fotográfica e de passarela e, desde 2009, comanda seu próprio reality show na televisão, onde drag queens de todo canto dos Estados Unidos concorrem ao título de próxima drag queen superstar, mostrando habilidades artísticas, desde atuação até confecção de vestidos de alta costura. RuPaul's Drag Race tem recebido grandes celebridades do showbiz através dos anos e tem sido topo de audiência em vários países do mundo. Além de disseminar a cultura gay e a arte das drag queens, o show tem aberto possibilidade e espaço para vários artistas drags poderem ser vistos e reconhecidos por seus trabalhos. (AMANAJÁS, 2015, p.18)

Com 1,93cm de beleza e carisma ímpar, não só pela sua própria aparência, mas pelo seu reality show "RuPaul Drag Race", em cada temporada da atração, exibem 14 candidatas numa disputa interminável para serem a nova estrela drag da América. São provas que vão desde desfiles, fotografias, interpretações e performances até confeccionarem seus próprios looks temáticos.

³ Pessoa que frequentemente se veste, usa acessórios e/ou se maquia diferentemente do que é socialmente estabelecido para o seu gênero, sem se identificar como travesti ou transexual.

FIGURA 7: RuPaul montado e desmontado



Fonte: disponível em: <<https://diariodecarola.wordpress.com/2015/09/11/vamos-falar-sobre-gifs-legais-ou-rupaul-drag-race/>> Acesso em: 28 set. 2017

Com isso além do estrondoso sucesso na televisão, RuPaul abriu portas para novos artistas mostrarem seu talento, já que no famoso reality show as candidatas são avaliadas por um time de jurados de alta categoria. Ao final de cada episódio as duas com menores notas são submetidas a dublarem pela própria “vida”, ou seja, lutarem pela permanência na atração, com carisma e desenvoltura diante de milhões de pessoas pelo mundo todo. Com a ajuda de André Charles, o reconhecimento drag cresceu muito e pode-se dizer que existe um mundo drag antes de RuPaul e pós RuPaul.

Já no Brasil, a maior visibilidade na atualidade foi dada a “top” Pabullo Vittar (Figura 8) que começou a se maquiar com apenas 16 anos, um ano após se assumir. Pabullo tentou diversas vezes obter o sucesso, mas não foi tão fácil assim, somente depois de lançar por conta própria uma releitura de uma música, já estourada, ele alcançou a visibilidade almejada. Atualmente a cantora tem tanta visibilidade, não só no Brasil como mundialmente, ao ponto de brilhar no palco principal de um dos festivais mais conhecidos no mundo, o Rock in Rio.

FIGURA 8: Pablo Vittar montado e desmontado



Fonte: disponível em: <<http://.otvfoco.comwww.br/pablo-vittar-diz-que-nao-fara-nenhuma-cirurgia-e-revela-esforco-para-parecer-com-uma-garota/>> Acesso em: 28 set. 2017

As diferenças das drag queens dos anos 1970 e 1980, em comparativo das atuais, são que elas queriam no passado apenas se parecerem com mulheres de respeito e de valores iguais ou semelhantes. Olhando RuPaul e Pablo Vittar, nota-se a grande mudança, pois são muito mais efervescentes, ou seja, optam pelo glamour e estrelato como divas pops do cenário musical ou até mesmo do cinema.

No universo drag queen existem categorias para diversos estilos e tribos, ou seja, elas se dividem como as casuais, fashionistas, pops, teatrais e, também, as comediantes. As casuais são aquelas que se vestem de forma “normal” e quase não deixam vestígios de que são homens; as fashionistas são ligadas na alta moda, criam seus looks, figurinos e maquiagens, são consideradas drags estilistas; já as drags pops e teatrais, são as que dublam, interpretam, cantam, dançam, fazem performances, ou seja, são bastantes completas; e a última, mas não menos importante, as comediantes, permeiam por todas as categorias de forma bastante divertida, porém com a mesma performance de feminilidade das outras.

3.4 AS DRAGS E SEUS DIFERENTES ESTILOS

No universo drag queen existem categorias para diversos estilos e tribos, ou seja, elas se dividem como as fashionistas, comediantes, covers, quens de concursos e fishy queens.

As fashionistas são ligadas na alta moda, criam seus looks, figurinos e maquiagens, são consideradas drags estilistas, além de desfilarem em grandes passarelas e com nomes renomados do mundo fashion.

FIGURA 9: Naomi Smalls



Fonte: https://www.google.com/search?q=naomi+smalls&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiY77Gu_s_iAhVxw1kKHV3kBwQQ_AUIECgB&biw=1366&bih=625#imgrc=7qMxIIQr17JdGM: Acesso em 04 de junho de 2019.

As drags comediantes ou comedy queens (figura 10) são as que trabalham diretamente com entretenimento, piadas, humor em geral, estão presentes em programas de televisão, teatros e até mesmo no cinema. Ao contrário da maioria, fazem uso de exageros tanto na excentricidade das maquiagens e vestuário como também na personalidade, piadas ásperas também fazem parte do show.

FIGURA 10: Bianca Del Rio



Fonte:Riohttps://www.google.com/search?q=bianca+del+rio&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiQ6o60_M_iAhWizVkkHVyzDU0Q_AUIECgB&biw=1366&bih=625#imgrc=ooalPPcUpl9X8M: Acesso em 04 de junho de 2019.

As drag covers (figura 11) são as que dublam, interpretam, cantam, dançam, fazem performances de grandes nomes da música pop mundial, nomes como Cher, Madonna, Britney Spears e Lady Gaga já foram e são frequentemente representados por essas artistas. As drag covers, em alguns casos fazem intervenções cirúrgicas para ficarem ainda mais semelhantes com a celeridade “imitada”.

As drags de concursos (FIGURA 12) são aquelas que competem quesitos minuciosos como beleza, feminilidade, melhor traje, desenvoltura e simpatia, além de inteligência claro. Não deixando passar, que essas fazem grandes investimentos em produção.

FIGURA 11: Derrick Barry, cover de Britney Spears



Fonte: https://www.google.com/search?q=derrick+barry&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjG1aua98_iAhVSuVvKkHQI6DHsQ_AUIECgB&biw=1366&bih=625#imgrc=3lhk1SeiB5LSM: Acesso em 04 de junho de 2019.

FIGURA 12: Coco Montrese



Fonte: https://www.google.com/search?biw=1366&bih=625&tbm=isch&sa=1&ei=n2_2XJCSMaPy5gLpYzACA&q=coco+montrese+&oq=coco+montrese+&gs_l=img.3...49096.49096..49931...0.0..0.227.227.2-1.....0....1..gws-wiz-img.-tAKtw1UiNc#imgrc=_W9QrltrSWu-wM: Acesso em 04 de junho de 2019.

As fem queens ou fishy queens (FIGURA 13) são aquelas drags que mais se assemelham biologicamente com a figura feminina, não só na aparência mas também em comportamento, voz e até mesmo na personalidade.

FIGURA 13: Courtney Act, antes e depois.



Fonte: https://www.google.com/search?q=COURTNEY+ACT&source=Inms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjL59_S78_iAhVRs1kKHSggDisQ_AUIECgB&biw=1366&bih=625#imgrc=c0AmDNx35khucM: Acesso em 04 de junho de 2019.

A partir de todo o referencial visto até aqui, pode-se agora partir para a análise dos dois filmes que ajudaram a desconstruir a Drag caricatural tradicional, e que iniciaram o estabelecimento nos lares ocidentais da desconstrução do preconceito com o universo da aparência que irá caracterizar, por sua vez, a diversidade e a pluralidade como discursos correntes neste início de século XXI.

4 MODA, FIGURINO E SOCIEDADE: O CINEMA E AS CONFIGURAÇÕES DISCURSIVAS DO UNIVERSO DRAG

Desde a década de 1970 começa-se a trazer o universo Drag para dentro das casas e para o convívio familiar. Das casas de shows para o cinema, as Drags emergem das telas como pessoas comuns e seus sofrimentos particulares, permitindo ao grande público o acesso a uma imagem humanizada que auxiliou na desconstrução da marginalidade a que eram socialmente relegadas. Neste sentido, escolheu-se dois filmes que auxiliassem na análise da relação, proposta neste trabalho, da relação entre moda e figurino no universo Drag nas performances do feminino.

Os filmes analisados foram “Priscilla: rainha do deserto” (1994) e “Para Wong Foo, Obrigado Por Tudo!” (1995), considerando os tópicos como contexto, figurino, ambientação (cenografia), estereótipos comportamentais sobre o masculino e o feminino e suas construções sociais, analisando como tudo isso participou da expressão do universo visual Drag.

4.1 ANALISANDO PRISCILLA

4.1.1 Contexto

O filme “Priscilla, rainha do deserto” ou “As aventuras de Priscilla, rainha do deserto”, é um filme de comédia dramática australiana, dirigido por Stephan Elliott em 1994. Segundo o site G1 o filme foi gravado com um orçamento relativamente baixo, com aproximadamente três milhões de dólares. Os produtores entraram em concordância em gravá-lo mesmo ganhando uma quantia pequena tendo em mente todo o trabalho que teriam de enfrentar pela frente. O filme conta a aventura de duas drag queens, Anthony (Mitsi) e Adam (Felícia), e a transexual Bernadette (FIGURA 14) pelo deserto australiano, após serem contratadas pela ex esposa de Anthony para se apresentarem em um resort na cidade interiorana de Alice Springs. Assim, partem a bordo de um ônibus mega estiloso batizado de Priscilla (FIGURA 15). Durante todo o percurso, o trio encontra diversos contratempos, principalmente por conta do transporte, por ser velho e ultrapassado.

FIGURA 14: Anthony, Adam e Bernadette



Fonte: Recorte de cena feito pelo autor.

FIGURA 15: O ônibus Priscilla



Fonte: Recorte de cena feito pelo autor.

Segundo Caputti (2015),

Diferente dos moradores das cidades do interior, que em sua maioria hostilizam o trio de protagonistas, os aborígenes que os encontram são receptivos e até participam de uma versão

do show. Com isso, Elliot mostra que esse grupo de pessoas, que também são marginalizadas na Austrália, sabe o que é o preconceito e nunca o cometerá contra os outros. (CAPUCCI, 2015 sp)

Mesmo com muitos “perrengues”, o trio não se deixam abalar e faz disso pausas para ensaios improvisados, momentos de descontração e conhecimento de culturas, como na cena em que conhecem um grupo de animados aborígenes (FIGURA 16) e aproveitam pra fazer uma pequena apresentação e deixam nítido para o telespectador o contraste entra “glamour” e a simplicidade, sem falar na questão racial que também fica em grande evidência.

FIGURA 16: Grupo de aborígenes



Fonte: Recorte de cena feito pelo autor.

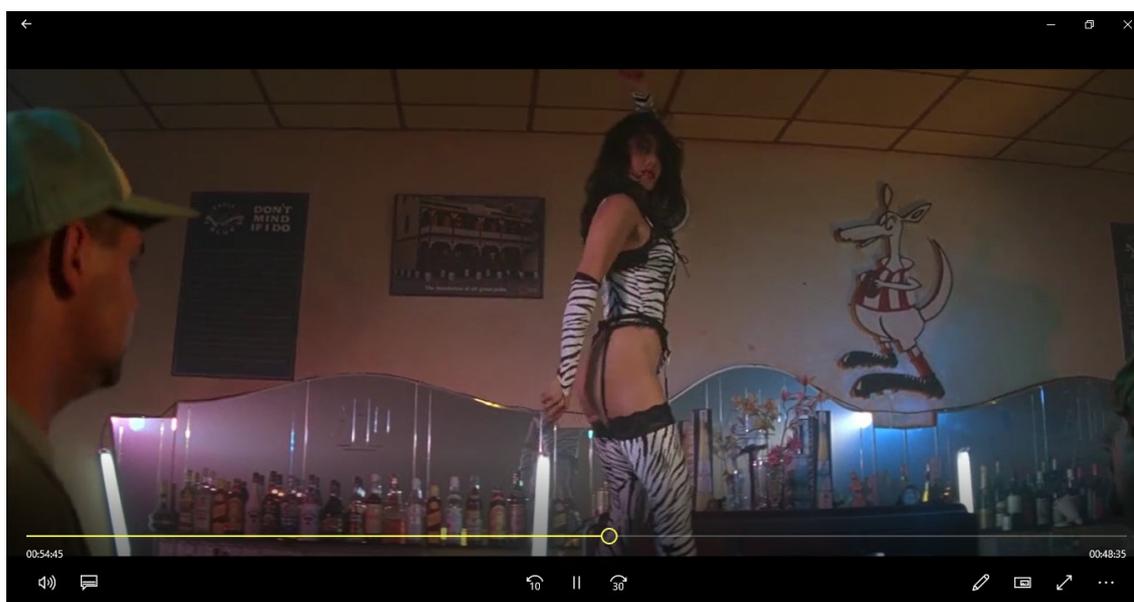
Em um outro momento da trama eles/elas conhecem Bob (FIGURA 17) que foi uma grande ajuda quando Priscilla teve problemas com o motor, Bob levou o trio para jantar e apresentou a sua esposa Cynthia Campos (FIGURA 18) que por sua vez é uma personagem bastante exótica que, segundo Caputti (2015), deu alguns problemas para os produtores.

FIGURA 17: Bob, mecânico



Fonte: Recorte de cena feito pelo autor.

FIGURA 18: Cynthia Campos, esposa de Bob



Fonte: Recorte de cena feito pelo autor.

Cynthia dança em uma boate extremamente machista e faz um número um tanto quanto inusitado, que é soltar bolas de “ping pong” pela vagina, porém, o problema é que retrataram a personagem a partir de um estereótipo racista e machista de uma mulher filipina. Bob sente vergonha da esposa e resolve seguir viagem com um trio, dando a entender que fará par romântico com a transexual

Bernadette. Revela-se aqui um ponto importante: Bob legitima a feminilidade conservadora de Bernadette, contrapondo a travesti com sua esposa libertina.

Em Priscilla, A Rainha do Deserto, todos os personagens escondem algo que será fruto do devir de cada um, no momento exato ao passo que a narrativa avança. Sem as comuns revelações bruscas e descuidadas comuns aos cineastas apressados, o filme sabe o momento certo de revelar as suas subtramas e transformar ainda mais o universo dos personagens. (CAMPOS, 2017, sp.)

Além do show para o qual foram contratados, Anthony ainda irá conhecer o filho, ou seja, ainda mais tensão na trama, pois uma das exigências de Anthony é de que seu filho não o veja “montado” como drag queen pelo fato de não saber a reação do filho em descobrir que seu pai é gay e drag queen.

4.1.2 Figurino

O filme ganhou o oscar de melhor figurino no ano seguinte do lançamento (1995) tendo a frente os figurinistas Lizzy Gardiner e Tim Chappel. O figurino dos personagens principais era cheio de excentricidade, muito brilho de paetês, muitas plumas e perucas sintéticas. Uma das cenas mais marcantes em relação aos figurinos é quando o trio desembarca na primeira cidadezinha usando trajes extremamente novos aos olhos dos moradores locais, o vestido de chinelos coloridos e a peruca azul confeccionado com tubinhos de plástico azul marcaram esta cena pela criatividade e inovação (FIGURA 19). Em outro momento aparecem as roupas de animais, pescoços alongados, plumas e línguas pintadas, um verdadeiro show.

As maquiagens vinham a tona com muita agressividade, com traços pesados e cores vibrantes com uma pegada bem caricata.

Segundo os estudos da área, conhecida no meio acadêmico como Teoria Queer, as piadas, caricaturas e histrionismos gestuais possuem o objetivo de transformação diante da conflituosa realidade vivida por estes indivíduos, numa espécie de simulação da vida como manifestação artística. É nessa transformação de cunho estético que se impõe o político, o que dá corda aos famigerados comentários heterossexuais do tipo “não precisa disso”, “ele é homossexual, mas não precisa se vestir assim”, etc. (CAMPOS, 2017, sp)

FIGURA 19: Figurino criativo e marcante.



Fonte: Recorte de cena feito pelo autor.

Ao longo da trama, o figurino dos demais personagens (FIGURA 20) pode ser notado pela simplicidade e cores em tons sóbrios, por se tratar de ambientes considerados de certa forma humildes, as roupas seguiam nessa mesma idéia. Tons empoeirados, sem muita cor e detalhes, dando um ar de não importância a moda.

FIGURA 20: Figurino simples e sóbrios para contrapor com os figurinos das drags

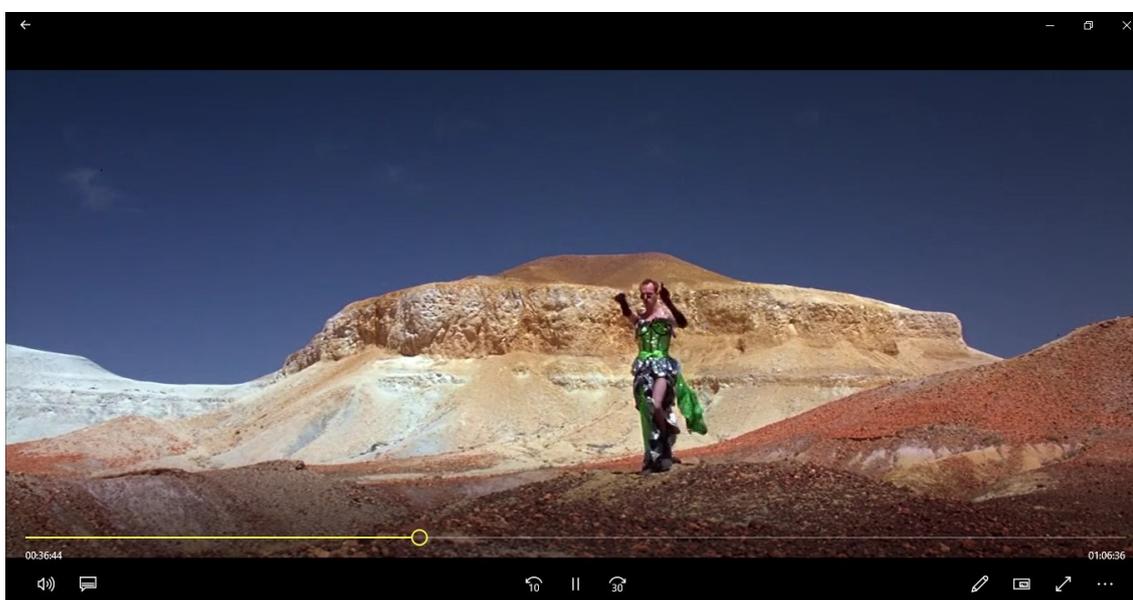


Fonte: Recorte de cena feito pelo autor.

4.1.3 Ambientação

O filme é considerado um “road movie” por ter sido gravado basicamente todo na estrada, mais especificamente no deserto australiano. Sendo assim, é notável o contraste dos figurinos dos personagens (FIGURA 21) em meio a paisagem natural dos cenários com aspecto mais desértico e austero.

FIGURA 21: Figurino em grande contraste com o deserto australiano



Fonte: Recorte de cena feito pelo autor.

Além da paisagem em contrastes, os cenários das cidades que passaram são geralmente de aspecto decadentes (FIGURA 22): as boates de beira de estrada, sujeira, mobília velhas e os palcos onde se apresentavam eram desprovidos de qualquer “glamour”.

FIGURA 22: Cidade com aspecto empoeirada e decadente



Fonte: Recorte de cena feito pelo autor.

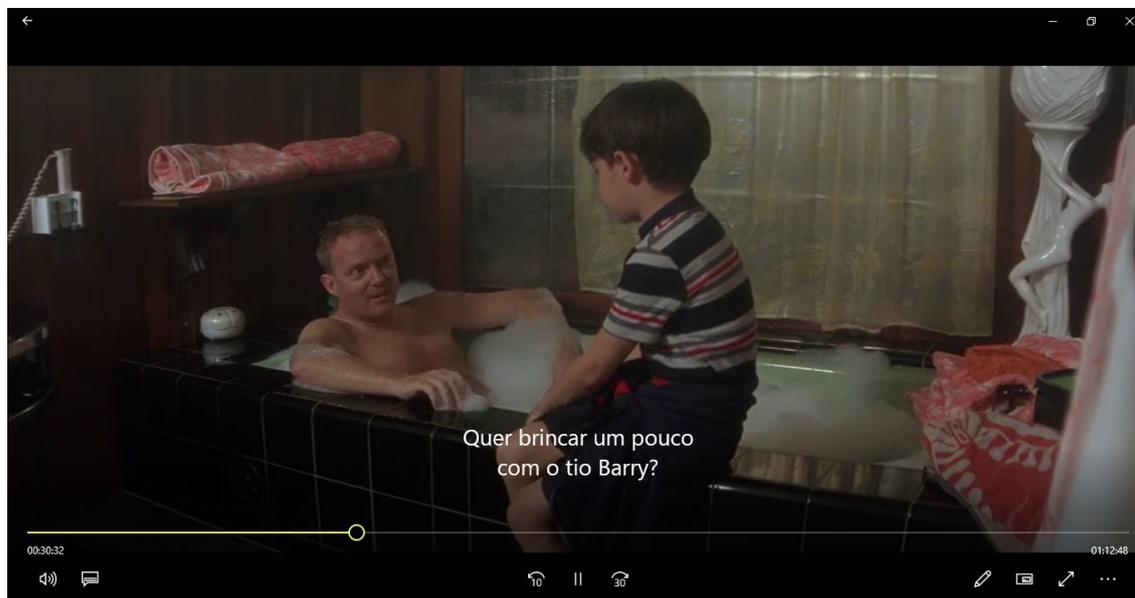
4.1.4 Estereótipos

Nesta obra são exibidos alguns estereótipos bastante marcantes e muito bem narrados. O primeiro deles é o da “bicha” afeminada, sem nada de responsabilidades, extremamente inconsequente que vive a vida querendo ser aceito pela sociedade. Adam (Felícia) apesar de quase ter sofrido abuso sexual por parte de seu tio, nunca se abalou ou achou que sua sexualidade sofreu alguma influência em relação ao acontecido, inclusive em uma cena em que ele conta o incidente para seus parceiros de viagem e se diverte, pois o tal abuso (FIGURA 23) não ocorreu de fato e terminou de forma trágica para o tio pedófilo.

O segundo é o da “bicha” madura e experiente, que já viveu de tudo na vida inclusive tem uma frase de impacto na trama que diz o seguinte: “se hoje sei lutar é por que apanhei muito”. Com isso Bernadette foi automaticamente escolhida a ser a líder do grupo, pelas sábias palavras e conselhos. Bernadette era casada, porém no início da trama seu marido vem a falecer e ela usa a viagem com os amigos para tentar esquecer a fatalidade, além disso ela sofre o drama da não aceitação da família após ter feito a cirurgia para mudança de sexo: em uma das paradas ela desabafa com o amigo mais próximo Anthony. Bernadette sempre soube da sua orientação sexual. Quando criança ela já imaginava que seus presentes de natal sempre seriam voltados para o universo masculino e logo se encarregava de trocar

os embrulhos as escondidas para que ela ficassem com a boneca de sua irmã (FIGURA 24).

FIGURA 23: Suposto abuso sexual que Felícia passou na infância



Fonte: Recorte de cena feito pelo autor.

FIGURA 24: Bernadette na infância com presente trocado



Fonte: Recorte de cena feito pelo autor.

Há ainda a “bicha” retraída e que vive um drama em relação a si mesmo. Anthony foi casado e tem um filho de 8 anos de idade, sua maior preocupação é

sobre a aceitação do seu filho quando descobrir que ele é uma drag queen. Inclusive tem uma cena em que Anthony/Mitsi desmaia ao ver o filho na platéia assistindo seu show, pois era a última coisa que ele queria que acontecesse, seu filho vê-lo “montado”.

Ser gay e ainda trabalhar como drag queen não parece ser compatível com o tradicional e por vezes sacralizado lugar de pai, como denotam as cenas em que ele rememora o nascimento do filho e seu casamento com a mãe deste, Marion Barber. Tais cenas adquirem tons de exageradas alucinações ou mesmo pesadelos, nas quais Tick é Mitzi, toda montada e protagonizando aqueles antigos marcos de sua vida como drag queen. (JUNIOR, 2011, p. 151)

No filme existem duas cenas bastantes marcantes também que é o fato de a sociedade vincular os homossexuais, independente da categoria na qual se encaixam, ao surto de HIV/ AIDS que se instalou pelo mundo nos 1980 e 1990. Os gays nesta época eram tratados como pestes que carregava e espalhava a doença. A cena em que “Priscilla” aparece pichado com a frase “malditos aidéticos voltem para casa” (FIGURA 25) retrata bem esse sentimento de ódio da sociedade para com as drag queens visitantes.

FIGURA 25: Ônibus Priscilla pichado com frase preconceituosa



Fonte: Recorte de cena feito pelo autor.

Outra cena com bastante impacto é quando Felícia sai “montada” (FIGURA 26) e decide testar sua capacidade feminina no meio de um grupo de homens locais pedindo e se insinuando para que alguém mostre a cidade a ela. Porém, ela

acaba não se dando bem, pois em um momento que ela ergue o braço o homem que demonstrou interesse percebe seus músculos e parte em uma corrida e atrás de Felícia que em seguida fora agredida pelo “macho alfa”.

Talvez ancorada na misoginia que, mesmo após lutas e importantes conquistas das mulheres em nossa sociedade, ainda delega ao feminino um status de inferioridade e submissão no meio social, da mesma forma a feminilidade na homossexualidade é vista como negativa e hierarquicamente inferior ao modelo masculinista. Somam-se a isto todos os outros estereótipos negativamente relacionados à homossexualidade, como a promiscuidade e o próprio HIV-AIDS, os quais um modelo gay heteronormativo tenta negar, deles procurando fugir, por mais paradoxal que esta ideia pareça. (JUNIOR, 2011, p. 150).

FIGURA 26: Felícia testando sua feminilidade



Fonte: Recorte de cena feito pelo autor.

Outro ponto que pode ser pertinente para pensarmos as possíveis discriminações levadas à tela no filme Priscilla é a questão da comunicação entre o objeto estético e seu público mais direto. Em shows de drag queens, ao menos no Brasil, é muito comum a utilização de estereótipos que no cotidiano são reiterados negativa e mesmo violentamente, mas que naquele momento e espaço adquirem outro significado e podem ser repetidos e recriados; mesmo a mais preconceituosa construção ganha tons humorísticos e provoca entusiasmados risos. Nomear o público de “veado”,

“bicha” ou “passiva”, termos muitas vezes dirigidos a homossexuais masculinos com o intuito de agredir ou desvalorizar sua identidade pessoal, adquire contornos positivos de diferentes formas. (JUNIOR, 2011, p 161)

Assim, a partir destes estereótipos do universo gay é possível pensar a construção social dos discursos sobre masculino e feminino apoiados em sua aparência.

4.1.5 Construções do masculino

O universo masculino da trama se constrói com uma certa naturalidade comumente observada na sociedade, ou seja, são usados elementos simples no figurino que nos remetem ao lado mais sóbrio da maioria dos homens. Tal naturalidade segue no decorrer do filme até o momento em que o personagem Tick, vivido pelo ator Hugo Weaving, em um momento a sós com o filho tenta segurar o lado mais afetado e muda seus trejeitos para ter uma aparência mais masculinizada. Inclusive há uma cena muito interessante em que ele cospe no chão e se baba todo, pois é uma atitude que está ligada diretamente a um estereótipo de macho do qual, obviamente, ele não personaliza.

Na mesma cena o personagem faz uso de peças tipicamente do universo masculino: uma camisa numa cor neutra com bolsos que mais parecem um certo tipo de uniforme de caçador; calça comprida com a mesma coloração e botas estilo “country” (FIGURA 27). Além disso, a composição das peças não tem nenhum contraste com o ambiente de cena que é no meio da natureza, ou seja, isso mostra que quando eles estão travestidos de drag queen, fica claro o destaque dos figurinos em todas as cenas do filme que são na sua maioria com tons acinzentados, empoeirados ou no verde natural das paisagens.

Em outros momentos quando também estão “desmontados”, não apresentam quaisquer trejeitos femininos, com exceção de momentos em que estão brincando entre si, falam bordões do universo queer e fazem piadas deles próprios, inclusive em algumas cenas o personagem Adam, aparece sem camisa exibindo um físico invejável (FIGURA 28).

FIGURA 27: Roupas com coloração neutra



Fonte: Recorte de cena feito pelo autor.

FIGURA 28: Físico masculino de Adam



Fonte: Recorte de cena feito pelo autor.

Basicamente, o figurino masculino se resume a peças mais neutras e usuais, como por exemplo, camisetas, calças jeans, jaquetas, tênis e em alguns casos botas de couro com aparência mais rústica. Por se tratar de ambientes mais interioranos entre o deserto da Austrália, os homens são de certa forma ainda mais grosseiros e mostrados tipicamente sem cultura ou qualquer tipo de desenvolvimento pessoal.

Este inesquecível filme traz à baila questões contemporâneas referente ao universo dos homossexuais e artistas da performance, alvo de preconceito e estigmas sociais. Galgado na possibilidade de ser subversivo, a narrativa trata da resistência aos modos vigentes, numa ode aos elementos estéticos da alegria, em contraposição ao ressentimento. (CAMPOS, 2017, sp)

4.1.6 Construções do feminino

Em Priscilla, a rainha do deserto, com exceção da personagem Cynthia Campos, todas as mulheres seguem um padrão de feminilidade semelhante levando em consideração a época em que se passa a trama. Em geral, as mulheres usam saias até o joelho ou vestidos como típicas donas de casa sem nenhum empoderamento, cuidando dos filhos e maridos.

Cynthia é um caso a parte pelo fato de ter sido dançarina na noite. Sendo assim, ela é mais ousada em usar mini saias, decotes profundos e muita pele a mostra. Já as personagens Marion e Bernadette fazem uso de calças e de peças mais elegantes como camisas, echarpes, chapéus etc. Devido ao calor excessivo da região, elas fazem uso de peças mais leves e esvoaçantes, muito linho, seda e outros tecidos visivelmente de fibras naturais. (FIGURA 29)

FIGURA 29: Contraste entre as roupas femininas de Bernadette, com os outros dois personagens



Fonte: Recorte de cena feito pelo autor.

4.2 ANALISANDO WONG FOO

4.2.1 Contexto

“Para Wong Foo, obrigado por tudo! Julie Newmar”, é um filme estadunidense dirigido por Beban Kidron, no ano de 1995, e tendo os atores Patrick Swayze, Wesley Snipes e John Leguizamo como papéis principais.

Como pode o Wesley Snipes se travestir e realizar uma das performances mais estilosas (e femininas) da temática em plena década de lançamento do filme Blade, Caçador de Vampiros? Patrick Swayze interpreta uma mulher sensata, delicada e forte. Enquanto que John Leguizamo é uma mulher latina, louca e jovial, o que representa muitas e muitas mulheres que se aventuram nos Estados Unidos em busca de um sonho. (IRES, 2015 sp).

O filme é quase um road movie que conta a história de três drag queens que após terem participado de um concurso em que se elege a melhor drag queen anual para representar a América, viajam em direção a Hollywood, para iniciarem o estrelato. Vida Boheme (Patrick) e Noxeema Jackson (Wesley) são as duas vencedoras do concurso que decidem abrir mão do prêmio, que são as passagens de avião, para conseguir levar Chi-Chi Rodriguez (John) que foi umas das derrotadas e que se auto denomina fracassada. Com o dinheiro da venda das passagens compram um carro conversível extremamente estiloso, porém super velho, inclusive antes de efetuar a compra o vendedor insiste para elas levarem um carro considerado funcional e prático e elas optam pelo estilo e “glamour” do Cadillac sem capota, afinal estilo é tudo na vida de uma boa drag queen.

Para Wong Foo é muito além de um filme de comédia. O humor, de fato, é grande ingrediente da obra, mas não a limita a isso. Os diálogos são inteligentes e refletem uma sociedade que, se observarmos bem, não mudou tanto quanto tenta mostrar. Os termos pejorativos, os abusos e os preconceitos continuam aí. Um pouco mais camuflados às vezes, mas igualmente presentes. O longa, porém, mantém a leveza e a diversão, sabendo entreter o espectador e trazer tais temas, se não a debate, ao menos à reflexão. (VASCO, 2014, sp)

FIGURA 30: Vida Boheme, Noxeema e Chi-Chi comprando o cadillac



Fonte: Recorte de cena feito pelo autor.

O trio inicia a viagem com muito estilo e alegria, até que um incidente acontece: são paradas na estrada por um policial por estarem com a lanterna traseira do automóvel apagada, o policial se encanta com a beleza de Vida e pede para que ela desça do carro com um certo abuso de autoridade por se tratarem de “mulheres”. Em seguida ele tenta agarrá-la a força com brutalidade, até que enfia a mão embaixo da saia dela (FIGURA 31) e descobre que ela na verdade é ele. Vida o empurra e o deixa desacordado na estrada. Um pouco mais adiante o carro quebra e as três são socorridas por um morador de Snyderville, porém ficam enalhadas na pitoresca e pacata cidade, com pessoas conservadoras e uma vida monótona e sem “vida”, mas elas não se deixam abalar e fazem da cidade um verdadeiro show de cores, repaginam o visual dos moradores (FIGURAS 32 E 33) e ao mesmo tempo os conscientizam e os atualizam de que ser drag queen não as fazem menos humanas: um verdadeiro choque de realidade.

A troca com os personagens locais se faz de forma extremamente rica. Cada uma acaba se aproximando de um morador. Noxeema, por exemplo, se torna amiga de Clara, uma senhora ex-dona de uma distribuidora que parou de se comunicar após ser abandonada pelo marido. Enquanto Clara ensina Noxeema sobre cinema, a mesma a reensina a viver. O filme todo, aliás, é composto por relações que reiteram a

premissa de que, mesmo quem nos parece o extremo oposto pode ter muito a ensinar, quando dada a chance. (VASCO, 2014 sp).

FIGURA 31: Abuso nas relações entre masculino e feminino



Fonte: Recorte de cena feito pelo autor.

FIGURA 32: Algumas moradoras com os cabelos arrumados



Fonte: Recorte de cena feito pelo autor.

4.2.2 Figurino

O figurino espetacular do filme foi de responsabilidade da figurinista Marlene Stewart, uma designer de roupas nascida em Boston, Massachusetts. A profissional deu início a sua carreira desenhando e produzindo figurinos de shows para a cantora pop Madonna. A partir de 1991, teve grande destaque em filmes consagrados de ação como Exterminador do futuro 2, Arquivo X e True Lies.

Para a composição do figurino do filme Para Wong Foo, aparentemente a figurinista usou uma pegada mais atual para a época, seguiu exatamente o ano em que se passava a trama. O filme começa com Patrick e Wesley dando vida a Vida Boheme e Noxeema, em seguida vem uma explosão de cores com a final do concurso que elegerá a drag queen da América, com figurinos temáticos, volumosos, criativos, extremamente coloridos seguindo o estilo Camp. Em todo o decorrer da obra, as personagens principais não aparecem "desmontadas", reforçando através da aparência suas existências femininas.

Ao que se pode analisar no filme, as drag queens reconstróem o gênero a partir de uma montagem descomunal do corpo por meio de adereços, roupas, cabelos e sapatos, objetivando obter um ideal de beleza exacerbado. Nas palavras da personagem Noxeema, uma drag é: "Quando um homem gay, cuja inclinação para a moda transcende o sexo. Ele é uma drag queen". Essa frase, é utilizada por Noxeema para explicar a Chi-Chi as diferenças entre travestis, transexuais e drag queens em uma das mais espirituosas cenas do filme. (SANTOS, 2017, p. 159)

Neste sentido, as personagens podem ser percebidas como travestis, pois o vestuário feminino as acompanha por toda a trama para além das suas montagens artísticas. As três drags apresentam estilos completamente diferentes uma da outra, isso é bastante notável tanto no figurino como na personalidade de cada uma delas. Vida Boheme segue um estilo mais clássico e mais conservador, um estilo Dior: saias mid, saias lápis, camisas com laços, chapéus, blazers estruturados e com a cintura bem marcada. Em resumo, são peças que impõe uma certa seriedade e finés ao mesmo tempo; Noxeema já segue uma linha mais fashionista, com bastante sobreposições, acessórios estilosos e bastante cores, jeans, tricôs com listras coloridas e estampas psicodélicas; Já Chi Chi não tem uma linha muito bem definida, porém é fácil perceber que as roupas que ela veste

representa bem o estado de espírito para cada ocasião, hora ela está mais romântica com roupas mais esvoaçantes e estampas delicadas, hora está com roupas extremamente curtas parecendo uma adolescente entrando na puberdade. Ela também faz uso de sobreposições, mas não tem um estilo bem definido (FIGURA 33).

A produção cinematográfica de Para Wong Foo, obrigado por tudo! Julie Newmar abre possibilidades para várias reflexões, ela é rica para construir ideias acerca do figurino das drag queens que se destacam de forma intensa e criativa em todas as cenas do filme, e pode ser problematizador na construção dos estereótipos para as drag queens. (SANTOS, 2017, p.163)

As perucas seguem o estilo de cada uma delas, em alguns momentos elas são até esquecidas, pois como elas não se desmontam durante o filme, as perucas deixam de ser algo artificial e passam a ser como cabelos naturais de cada uma das personagens. Em alguns momentos estão com fios ao vento, traças, coques e rabos de cavalo e esse detalhes ficam tão naturais que praticamente nem são percebidos como artificios de figurino.

FIGURA 33: Estilos diferentes das três personagens



Fonte: Recorte de cena feito pelo autor.

FIGURA 34: Moradores locais com suas roupas conservadoras



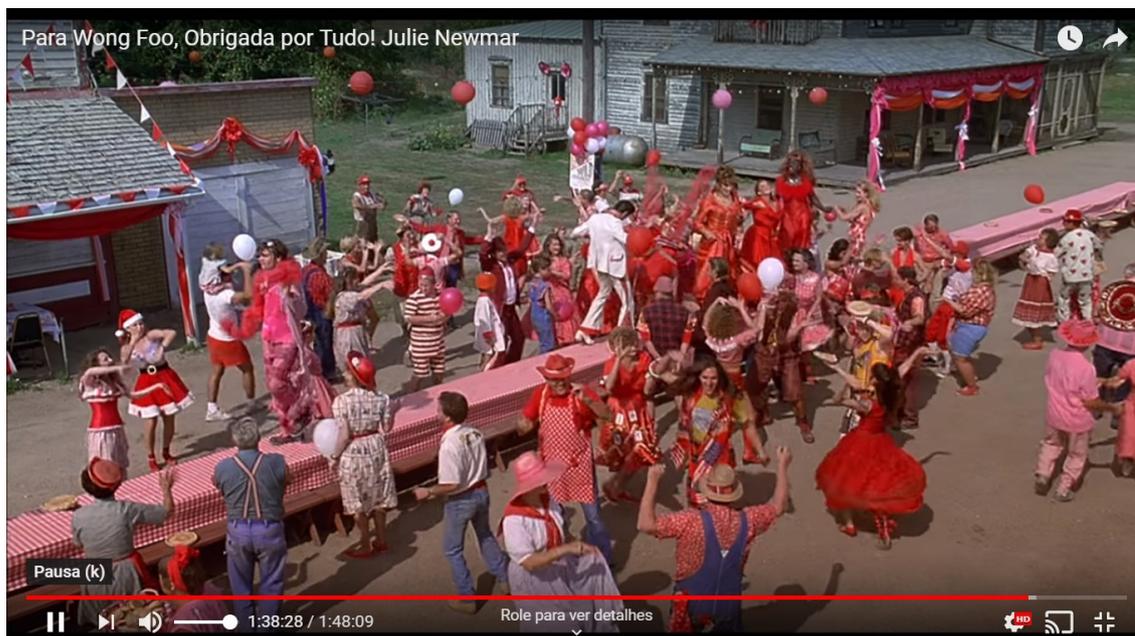
Fonte: Recorte de cena feito pelo autor.

As roupas, cabelos e maquiagens do restante do elenco aparecem com uma certa simplicidade para dar contraponto com as roupas das três beldades. Como no filme *Priscilla*, esses personagens coadjuvantes aparecem em tons acinzentados, em alguns casos empoeirados dando também um ar de decadência (FIGURA 34). Os homens em geral fazem uso de calças jeans surradas, camisas xadrez, camisetas, botinas e bonés, já as mulheres usam vestidos sem muitos decotes, cardigans, saias mais compridas preservando o corpo.

4.2.3 Ambientação

O filme se passa basicamente toda na cidade interiorana de Snyderville, uma cidade sem cor. Sua arquitetura toda é construída a base de tábuas que com o tempo ficaram degradadas com um aspecto bastante rústico, isso de certo modo foi proposital para dar mais ênfase na chegada das três drags, o contraponto de cores é nítido durante todo o filme, fica ainda mais visível no final, quando as "meninas da moda" dão uma repaginada em todos os moradores da cidade na organização da festa do morango (FIGURA 35).

FIGURA 35: O vermelho das cores das roupas em contraponto com o cinza da cidade de fundo



Fonte: Recorte de cena feito pelo autor.

FIGURA 36: Efeito das cores na decoração do quarto



Fonte: Recorte de cena feito pelo autor.

A diferença das cores também pode ser vista na cena em que o trio muda o visual do quarto em que vão ficar hospedadas (FIGURA 36). Elas usam tecidos de cores bastante exóticas, laminados, brocados e plumas de diversas cores sobre a

mobília velha e antiquada do ambiente. Ao término, elas se jogam exaustas, porém, muito satisfeitas com a nova decoração.

4.2.4 Estereótipos

Um dos estereótipos mais gritantes e marcantes é o espanto em ver homens super musculosos e com fama de galãs interpretando papéis de drag queens que na maioria das vezes dispõe de trejeitos e comportamentos femininos. Todos os atores eram musculosos e tornavam visíveis esses músculos quando se vestiam.

As drag queens são homens que aparentemente antes de suas montagens são viris (ou não), mas que ao montar-se com os dispositivos de criação dão identidades a mulheres diferentes, e com essa montagem não perdem a sua virilidade, suas sensibilidades, suas emoções, mas recriam um novo significado a esses sentimentos. (SANTOS,2017, p. 163)

É comum nos dias atuais que todas as drag queens seguem um padrão de beleza que assemelha ao de um corpo feminino de modelos e tal, mas se engana quem pensa desta forma, pois dentro deste universo artístico existem vários estilos, tanto visual quanto comportamental e isso mostra a riqueza e o trabalho que existe em ser uma drag queen, todo o processo de transformação é extremamente minucioso e bem pensado.

Outro estereótipo também bastante impactante é o do policial racista, homofóbico e machista, que no começo do filme resolve parar as três "moças" em uma blitz e as confunde com três mulheres de fato e, estando sozinho durante a noite tenta abusar de uma delas logo depois de demonstrar total preconceito contra negros e latinos. Este personagem caracteriza a sociedade branca patriarcal tradicional.

Com a chegada delas na cidadezinha pacata e aparentemente abandonada, nota-se também a indignação do grupo de caipiras jovens, que em uma das cenas também tentam abusar/ agredir Chi Chi Rodriguez, não se sabe ao certo o que aconteceria, pois ela foi salva pelo amigo que conhecera anteriormente.

Violência e preconceito, neste sentido, marcam a vida das personagens que, com o espírito livre e aparência exótica, vão quebrando a resistência e os tabus sociais locais.

4.2.5 Construções do masculino

A construção do masculino não está presente nas cenas, pelo menos para as personagens principais, pois se trata de um filme em que estão vestidos de mulher 24 horas por dia e que inclusive dá um ar de ultrapassado pelo fato de que drag queens não vivem montadas o tempo todo, esse é um papel das travestis. Sendo assim é impossível perceber, para além da estrutura física dos personagens, os trejeitos masculinizados dos atores que fazem o papel impecavelmente.

Para os demais personagens, a construção do masculino se dá pelo fato de serem pessoas que vivem em uma cidade interiorana, são desprovidos de muita educação, com um ar de rusticidade e vocabulário seco e direto. No geral são homens machistas e com uma mentalidade fechada. Fica bastante em evidência o não cuidado com a pele, cabelos e barbas: assim demonstram que homem de verdade não precisa se cuidar e nem ficar com "frescura" floreando as palavras.

4.2.6 Construções do feminino

A construção do feminino para este clássico, foi incrivelmente bem pensada: vozes, trejeitos, estilos, tudo em sintonia. Vida Boheme com sua voz calma, doce e cheia de classe, seu estilo chique de ser, cautela ao conversar e agir mostra características de uma mulher forte e inteligente: é o estereótipo da lady; Noxeema já deixa evidente seu apego com a moda, mostra um jeito autêntico, com palavras mais ácidas, porém, certas, no estilo "doa a quem doer, essa é a minha opinião e ponto" e, por último e não menos importante, aparece Chi Chi com seu humor latino e ingenuidade que dá um contraponto com as outras personagens. Assim, entre a lady, a forte e a ingênua, três estereótipos femininos são definidos entre as drags.

As outras mulheres do filme aparecem num estilo mais dona de casa, com roupas mais simples, aventais, cores apagadas, etc. Aparentemente são mulheres que vivem de certa forma retraídas e algumas até com um certo medo, por viverem em uma cidade em que é comandada pela ignorância e machismo dos homens. Porém, isso acaba com a repaginada que as três drag queens da cidade grande dão no local e finalmente as mulheres mostram o seu verdadeiro "eu". Foi uma

cena fantástica em que o poder feminino tem a liberdade e espaço merecido. Curioso é pensar que foram homens/mulheres que deram às mulheres o poder.

O filme passa a mensagem de que nem toda drag queen é um homem homossexual, mesmo porque analisando as cenas de abertura fica evidente que antes de se montar, os personagens exibem um físico extremamente masculino e sem quaisquer trejeitos de feminilidade, ou seja, estando desmontados fica impossível saber se são de fato homens que se vestem de mulher ou não. Sendo assim, somente quando estão montados é que se caracteriza um elemento significativo.

4.2.7 Mas afinal, quem é Julie Newmar?

Julie Newmar (FIGURA 37) é uma atriz estadunidense que interpretou pela primeira vez nos cinemas o papel de mulher gato. Existem rumores de que o roteirista do filme Wong Foo viu uma foto de Julie autografada e com uma declaração para um tal Wong Foo, até então desconhecido, e resolveu colocar no título do filme como forma de homenagem, inclusive no final da trama Julie Newmar faz uma pequena aparição. No Filme, algumas cenas fazem referência a esta imagem, como na figura 38.

FIGURA 37: Julie Newmar e os dizeres históricos



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/199776933445379763/> Acesso em 28 março de 2019

FIGURA 38: As personagens e a imagem icônica que deu nome ao filme



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/199776933445379774/> Acesso em 28 março de 2019

4.3 As obras e suas construções sobre o universo Drag

Nos dois filmes, o masculino e o feminino, o convencional e o exótico, a tradição e a novidade, se confrontam. Personagens masculinos fortes encarnam personas espetaculares em plumas, paetês, perucas e muita cor. Para além dos volumes e formas é a cor, nas duas obras, que dá o tom da diferença do mundo das Drags para o das pessoas comuns. O mundo das pessoas comuns é retratado em cores opacas, vidas secas e violência. Sempre que confrontadas com este mundo, as Drags são tratadas com desrespeito. O mundo das Drags traz cor, vida, alegria e respeito ao mundo das pessoas comuns.

O feminino e o masculino se confrontam constantemente nas duas obras, quebrando estereótipos sobre os papéis sexuais e suas relações como o vestuário. O universo drag é construído como quebra dos padrões da sociedade convencional, trazendo alegria, arte, cores, vontade de ser livre e transformar o mundo em um lugar melhor. A luta desses artistas na verdade não é apenas pelo próprio lugar ao sol, vai muito além, as causas são abrangentes: contra machismo, feminicídio, preconceito racial, homofobia, transfobia, gordofobia e tudo que a sociedade intolerante dissemina.

O reconhecimento científico e social de todas as variações entre os extremos feminino e masculino deu liberdade às pessoas se expressarem e se desligarem de concepções pré-estabelecidas. As vivências do mundo contemporâneo não suportam mais as clássicas classificações biológicas. (NASCIMENTO, 2016, p.64)

Foi neste sentido que estas duas obras quando lançadas auxiliaram no processo de quebra com os preconceitos que a sociedade convencional tinha contra as Drags, permitindo que, para além da aparência exótica e dos preconceitos sexuais, fossem percebidas como artistas que transformam o mundo e a sociedade ao redor. Suas maquiagens, cabelos, vestuário, são discursos políticos num mundo em preto e branco, e servem, só por estarem ali aos olhos dos espectadores, como lembrete de que a vida é cor e, portanto, diversidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente é bastante comum a aparição de artistas drag queens em diversas plataformas digitais e também na TV, cinema e teatros pelo Brasil e mundo a fora, porém nem sempre elas tiveram esse espaço de tanto prestígio. As drag queens de antigamente eram apenas vistas como palhaças de luxo, ou seja, foram consideradas uma caricatura de deboche do sexo feminino. As pessoas riam de suas apresentações, se divertiam, mas no fundo não existia uma boa aceitação pela sociedade. Essa não aceitação piorou por volta dos anos 1980, quando houve um surto de aids no mundo e a massa dos bons costumes responsabilizavam os homossexuais, drag queens, travestis e transexuais pelo surto da doença.

O costume do uso de perucas, adereços, acessórios e "glamour" exorbitante, existe desde o antigo Egito. Na Europa a partir do século XVI até meados do século XVIII houve o "surto" do luxo excessivo, perucas empoadas, laçarotes, babados, salto alto, roupas com muitas camadas de tecidos, perfumes, maquiagens, enfim, tudo que nossa sociedade atual tradicionalmente remete a algo feminino, naturalmente estava presente também no universo masculino como símbolo de poder. Foi a distinção burguesa do século XIX que definiu que as referências visuais femininas e masculinas seriam ditadas de forma distinta em tecidos, cores e adornos, estabelecendo o glamour feminino e a simplicidade neutra masculina.

Neste sentido, o preconceito da aparência feminina, associada a partir de então ao fútil, eleva a batalha desses artistas que assumem estes elementos como constitutivos de seus personagens. Foi uma batalha extremamente longa, mas positivamente eficaz, pois nos dias de hoje estão colhendo os frutos de tanta persistência. Gradativamente foram adquirindo espaço e respeito e, com a chegada da internet e aparelhos celulares, essa aceitação acabou entrando na "moda", as pessoas começaram a seguir e até se tornaram fãs das drag queens, pelo símbolo que carregam de artistas, pelo respeito às diferenças, por simbolizarem um mundo mais criativo, humano e feliz.

Durante todo o percurso histórico a imagem feminina foi um fator de extrema importância, pois, apesar de todo luxo exacerbado, maquiagens caricaturais ou não, excesso de enfeites e adornos, o foco sempre foi representar a imagem feminina de uma forma grandiosa e empoderada. Apesar de existirem também os drag kings, e não os desmerecendo, é nítida a presença das drags consideradas

tradicionais, ou seja, homens, sendo eles gays ou não, que se transformam em mulheres pela arte ou por grandes causas sociais, sendo assim fica claro que a principal fonte de inspiração são as mulheres, com toda sua sensibilidade e força ao mesmo tempo. A aceitação das drag queens na sociedade também se deu por conta de filmes com a temática drag que ajudaram a massificar e permitir uma afetividade que trabalha o lado mais familiar, causando empatia do universo drag dos anos 1970 em diante.

O feminino foi tão reconfigurado no universo drag que hoje em dia é comum se ouvir que “fulana está toda montada”, ou seja, tanta inspiração do feminino para as drag queens que atualmente o jogo virou ao ponto de as mulheres se inspirarem nessas artistas: o uso de cílios postiços, apliques capilares, acessórios como colares exagerados, brincos enormes e maquiagens fortes e muito bem executadas, exibem um feminino Drag que está na moda. Existem inclusive alguns canais em plataformas digitais que ensinam o passo a passo para elaborar essas “montações”.

Atualmente século XXI, ficou bastante em evidência que o universo feminino, figurino, moda e drag queens se confundem e mesclam para construir uma persona. A cantora drag Pablo Vittar foi incluída no ranking das 25 mulheres mais sexy do Brasil. A eleição foi feita pela revista “Isto é gente” no ano de 2018, ao final Pablo ficou na 13ª posição desbancando celebridades como Cléo Pires, Sabrina Sato e Deborah Secco.

Não se pode deixar de mencionar Ru Paul Charles, com o programa RuPaul Drag Race, que foi um grande divisor de águas no universo drag em busca de um lugar ao sol ou até mesmo por espaço para defender causas LGBT de extrema importância. No programa americano, são selecionadas em média 14 candidatas que competem entre si em busca do título da drag queen que representará a América durante um ano e leva também um prêmio em dinheiro, além claro de grande visibilidade pelo mundo. O programa de Ru Paul foi o responsável pela transição das drag queens caricatas para as femininas atuais e também por as mulheres estarem se montando cada vez mais parecidas com as drag queens. Toda essa mesclagem se deu pelo fato do grande público que assiste seu programa, todas as categorias do universo queer e heterossexuais estão cada vez mais ligados a este tipo de arte e incrivelmente encantados por Ru e suas “meninas”.

Assim, o mundo drag, através da aparência, engolfou o mundo das pessoas comuns, entrando em suas casas pelas telas e permitindo que repensem a diversidade como uma opção de um mundo incrivelmente mais divertido, feliz e humano e que a aparência é parte significativa manutenção ou da quebra de padrões.

6 REFERÊNCIAS

A BELEZA AO LONGO DOS SÉCULOS. Disponível em:

<<http://studiow.com.br/blog/a-beleza-ao-longo-dos-seculos-como-era-no-antigo-egito/>> Acesso em 14 de março de 2019.

AMANAJÁS, Igor. **Drag queen**: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas. Disponível em:

<<http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/16/drag-queen-um-percurso-historico-pela-artedos-atores-transformistas.pdf>> Acesso em 28 de setembro de 2017.

AZEVEDO, Fabrycio. **Onde a cultura drag queen começou**. Disponível em:

<<http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cultura/onde-cultura-drag-come%C3%A7ou>> Acesso em 28 de setembro de 2017.

BAUDOT, François. **Moda do século**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

BIOGRAFIA LAERTE COUTINHO. Disponível

em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Laerte_Coutinho> Acesso em 22 de março de 2019.

BRANDINI, Valéria. **Moda, comunicação e modernidade no século XIX**. A fabricação sociocultural da imagem pública pela moda na era da industrialização. Disponível em: <<https://seer.utp.br/index.php/i/article/view/71/pdf>> Acesso em 27 de junho de 2019.

CAMPOS, Leonardo. **Priscilla, a rainha do deserto**. Uma crítica. Disponível em

<https://www.planocritico.com/critica-priscilla-a-rainha-do-deserto/> Acesso em 03 de maio de 2019.

CANTÃO, Getulio. **Especial história da moda** - os anos 40 do militarismo e do estabelecimento do Ready to Wear. Disponível em:

<<https://grifei.wordpress.com/2012/10/07/especial-historia-da-moda-masculina-os-anos-40-do-militarismo-e-do-estabelecimento-do-ready-to-wear/>> Acesso em 28 jun 2019.

CAPUCCI, Luis. **Crítica**: Priscilla, a rainha do deserto. Disponível em

<https://ummonoculo.wordpress.com/2015/06/01/critica-priscilla-a-rainha-do-deserto/> Acesso em 03 de maio de 2019.

COLLING, Leandro. **Teoria Queer**. Disponível em:

<<http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf>> Acesso em 28 de setembro de 2017.

ECO, Umberto. **História da Beleza**. Record: Rio de Janeiro, 2004.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/234079919_Orientacoes_sobre_Identidade_de_Genero_Conceitos_e_Termos Acesso em 03 de dezembro de 2017.

LAVIER, James. **A roupa e a moda**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Disponível em: <<https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/03/genero-sexualidade-e-educacao-guacira-lobes-louro.pdf>> Acesso em 28 de setembro de 2017.

MALUF, Verônica. **Chocantes**. As drag queens chegaram para virar a cultura pop de cabeça para baixo. Disponível em: <<http://gente.ig.com.br/cultura/2017-08-10/drag-queens-cultura-pop.html>> Acesso em 28 de setembro de 2017.

NASCIMENTO, Raissa Bosniac. **Distinção e semelhança dos sexos refletidos na moda**. Disponível em <http://www2.eca.usp.br/moda/monografias/Raissa.pdf>. Acesso em 09 de abril de 2019.

NASSIF, Luis. **Os anos 60**: o movimento hippie. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/cultura/os-anos-60-o-movimento-hippie/>> Acesso em 27 de junho de 2019.

OLIVEIRA, Francine. **Uma contextualização histórica das Drags**. Disponível em: <https://medium.com/nada-errado/uma-contextualização-histórica-das-drags-22520b5e93f2>, 2015. Acesso em 09 de abril de 2019.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS. Disponível em: <http://www.ccr.org.br/uploads/eventos/seminariomar10/travestilidade_e_saude%20larissa.pdf> Acesso em 28 de setembro de 2017.

PINHONI, Marina. **Drag queens**: a história da arte por trás de homens vestidos de mulher. Disponível em <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/drag-queens-a-historia-da-arte-por-tras-de-homens-vestidos-de-mulher.ghtml> Acesso em 17 de maio de 2019.

SANTOS, Cristiane Caetano dos. **O ser drag e o viver queen**: estereótipos e configuração do artista performático em Maceió. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2262/717> Acesso em 03 de dezembro de 2017.

SANTOS, Joseylson Fagner dos. **Femininos de montar** - Uma etnografia sobre experiências de gênero entre drag queens. Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/12277> Acesso em 17 de maio de 2019.

SILVA, Heitor; BANDEIRA, Álamo; BARROS, Simone. **Cultura Drag Queen**: o que leva uma pessoa a se montar. Disponível em http://www.coloquiomodas.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202017/PO/po_3/po_3_Cultura_Drag_Queen.pdf Acesso em 17 de maio de 2019.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas**: a moda no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

STEELE, Valerie. **Fetiché**: moda, sexo e poder. São Paulo: Rocco, 1997.

VASCO, Sttela. **Para Wong Foo, obrigada por tudo! Julie Newmar**. Disponível em <http://cinemascope.com.br/colunas/para-wong-foo-obrigada-por-tudo-julie-newmar/> Acesso em 17 de maio de 2019.